

## O mercado mundial do café e o surgimento da Colômbia como um país cafeicultor \*

José Antonio Ocampo \*\*

1. O mercado mundial de café no século XIX; 2. A expansão cafeeira colombiana e as conjunturas do mercado mundial; 3. Formas de produção na economia cafeeira.

### 1. O mercado mundial de café no século XIX

O mercado mundial de café se caracterizou no século passado por seu grande dinamismo, tanto do ponto de vista da produção como do consumo. Através do século, a composição da produção entre as diferentes regiões produtoras se alterou dramaticamente, conforme veremos nas páginas seguintes. Do ponto de vista do consumo, o fato mais significativo foi o crescimento da produção mundial a um ritmo superior ao do produto interno bruto dos países desenvolvidos, que eram então, como hoje em dia, os principais consumidores. Conforme vemos no quadro 1, este ritmo superior de crescimento se observa através de todo o século, se bem que foi especialmente acentuado até 1880.<sup>1</sup> Como esse crescimento na produção mundial esteve acompanhado por uma tendência ao incremento a longo prazo do preço real do café,<sup>2</sup> resulta numa elasticidade-renda da demanda dos países desenvolvidos, como um todo, superior à unidade. Em termos de consumo *per capita*, os dados que serviram para gerar o quadro 1 permitem calcular que o consumo *per capita* de café nos países avançados aumentou entre 1830 e 1900 em

\* N. da R. O Conselho Editorial, apoiando-se em pareceres recebidos, julgou adequada esta publicação, apesar de o artigo aparecer em espanhol na revista colombiana *Desarrollo y Sociedad*, nº 5, jan. 1981.

\*\* Do Centro de Estudos sobre Desenvolvimento Econômico (CEDE), Universidade de Los Andes, Bogotá, Colômbia.

<sup>1</sup> Os dados dos países avançados, no quadro 1, incluem a URSS e o Japão. É duvidoso que as conclusões que se derivam de sua análise se alterassem, no caso de excluir estes dois países. Os dados do quadro 1, para os países avançados, sempre se situam entre os dados da Europa Ocidental, e EUA, segundo a mesma fonte.

<sup>2</sup> Uma regressão simples do preço real do café no gráfico 1 tem tendência positiva, com um coeficiente  $t = 5,32$  para o período 1821-1900, e  $t = 2,78$  para 1821-1900.

260%, ou seja, a um ritmo anual de 1,8%, superior a 1,2% do crescimento médio do produto interno bruto por habitante desses países.

### Quadro 1

Taxas de crescimento anual da produção mundial de café e do produto interno bruto dos países desenvolvidos (em %)

	Produção mundial de café <sup>a</sup>	PIB total países desenvolvidos <sup>b</sup>	PIB <i>per capita</i> países desenvolvidos <sup>b</sup>
1790-1830	1,9	1,2	0,6
1830-1860	2,5	1,8	1,0
1860-1880	3,0	2,2	1,1
1880-1900	2,8	2,5	1,5
1830-1900	2,7	2,1	1,2

Fontes: Quadro 2; Bairoch, Paul. "Les grandes tendances des disparités économiques nationales depuis la Revolution Industrielle." Seventh International History Congress, Edinburgh, 1978. p. 179, quadro 2.

<sup>a</sup> Supõe-se uma produção mundial de 1,2 e 2,5 milhões de sacos em 1790 e 1830 respectivamente. A produção de café em 1860, 1880 e 1900 se refere à média anual do quinquênio que começa nestes anos.

<sup>b</sup> 1800-1830.

Este crescimento no consumo esteve distribuído de forma muito desigual entre os países avançados. O mercado mais dinâmico de todos foi o norte-americano. Os EUA importavam no começo do século XIX, apenas uns 100 mil sacos de café ao ano, com uma participação no consumo mundial inferior a 10%. A partir da década de 1820, o consumo norte-americano começou a aumentar substancialmente, até alcançar, em 1855-9, 1.568 mil sacos de café anuais, que equivalem a 30% do consumo mundial. O consumo diminuiu na década seguinte, como consequência da guerra civil. No período 1870-80 voltou a alcançar os 30% do consumo mundial, e na década seguinte alcançou os 40%, proporção que conservou até os primeiros anos do século XX. Em termos *per capita*, o consumo norte-americano aumentou de pouco menos de 1 kg no período 1820-30, até 5 kg na primeira década do século XX, a um ritmo anual de 2%, enquanto o crescimento do produto interno bruto por habitante em 1830-1913 foi de 1,6%. O maior ritmo de crescimento do consumo de café, no caso norte-americano, esteve concentrado entre 1820 e 1850. Já nos anos 50, o consumo de café era de uns 3 kg *per capita*, o que implica que na segunda metade do século o consumo *per capita* cresceu só 1% ao ano, cifra inferior ao crescimento do produto interno bruto por habitante.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Os dados de consumo referem-se a importações líquidas. Ver Bureau of Statistics. *Statements of imports of tea and coffee into the United States each year from 1789 to 1882*; Ukers, William H. *All about coffee*. New York, 1935. p. 528-30. Os dados do PIB norte-americano são da mesma fonte do quadro 1.

Na Europa, os mercados mais importantes para o café foram Alemanha e França. Estes dois países apresentaram na segunda metade do século XIX um consumo, por habitante, inferior ao norte-americano, mas este consumo aumentou apreciavelmente na segunda metade do século, a um ritmo superior ao produto interno bruto *per capita* destes países, especialmente no caso francês.<sup>4</sup> Desta maneira, estes dois países contribuíram apreciavelmente para o incremento do consumo total de café na segunda metade do século. Os Países Baixos e a Escandinávia tiveram desde o começo do século XIX os consumos de café por habitante mais altos do mundo, mas não pesavam demasiado no consumo mundial, devido ao tamanho reduzido de suas populações.<sup>5</sup> Os demais países europeus mantiveram ao longo do século um consumo *per capita* muito reduzido. A Grã-Bretanha, em especial, que no início do século era um mercado relativamente importante, mostrou uma tendência decrescente de seu consumo *per capita* durante a segunda metade do século, quando o consumo de chá difundiu-se no país. Em 1843-9 o consumo *per capita* na Grã-Bretanha era de 0,57 kg, o qual não era muito inferior à média dos países avançados; na primeira década do século XX este consumo havia diminuído a somente 0,31 kg.<sup>6</sup>

Este relativo dinamismo do consumo mundial de café no século passado é surpreendente para economistas acostumados a pensar nos mercados mundiais de produtos primários nas décadas recentes. Depois da II Guerra Mundial, o crescimento da produção e consumo mundiais de café tem sido similar ao crescimento dessas variáveis no século XIX,<sup>7</sup> apesar de existir um ritmo muito mais acelerado de crescimento econômico dos países avançados. Sem dúvida alguma, o dinamismo do consumo no século XIX se deveu, basicamente, à popularização crescente do consumo de café nos países avançados, como resultado do aumento da renda média real, a partir da Revolução Industrial. Há que recordar que, no início do século XIX, o café, como outros produtos primários (o açúcar e o tabaco, por exemplo), eram artigos de luxo nesses países, e só com o transcurso do século foi-se generalizando seu consumo pela população.

O dinamismo da demanda mundial exigia um dinamismo equivalente da produção. Contudo, esta produção só podia provir de países tropicais, onde as condições de desenvolvimento capitalista estavam ainda muito atrasadas. Este fato ge-

<sup>4</sup> Entre 1853 e 1903, o consumo de café na Alemanha aumentou de 1,39 a 3,24 kg, por habitante, a uma medida de 1,7% anual, contra 1,5% do PIB *per capita*. Na França, o consumo aumentou de 0,61 a 2,86 kg, na medida de 3,1% anual, contra 1,3% do PIB *per capita*. Para os dados de consumo de café, ver Ukers, William H. op.cit.p. 527; para os dados de população e PIB, ver Mitchel, B.R. Statistical Appendix, 1700-1914. In: Cipolla, Carlos M. *The Fontana economic history of Europe*. v. 4, p. 747 e 83-5.

<sup>5</sup> Thurber, Francis B. *Coffee: from plantation to cup*. 8. ed. New York, 1884. p. 243; e Ukers, William H. op cit. p. 520-1.

<sup>6</sup> Thurber, Francis B. op cit. p. 212; e Ukers, William H. op cit. p. 521.

<sup>7</sup> Entre 1947/48-51/52 e 1970/71-74/75, a produção mundial cresceu na medida dos 2,7%, o consumo mundial a 2,9%, e o consumo dos países não-produtores a 2,6%. Fedesarrollo. *Economía cafetera colombiana*. Bogotá, 1979. p. 163 e 166.

rou uma gama muito variada de sistemas de produção que garantiram uma oferta crescente de café a nível mundial e uma série de mudanças na localização da produção nos diferentes países ou regiões produtoras. Estas mudanças na composição regional da produção só foram possíveis como resposta a uma série de fortes desequilíbrios no mercado mundial.

O primeiro grande desajuste no mercado cafeeiro foi gerado pela Revolução Haitiana de 1791. Nos anos anteriores à revolução, a produção exportável e o consumo de café na Europa e nos EUA eram de 1,2 milhão de sacos de 60 kg. O Haiti produzia 650 mil sacos; e outras colónias francesas nas Antilhas, outros 140 mil (Martinica 80 mil e Guadalupe 60 mil). Desta maneira, as colónias francesas na América produziam dois terços da produção mundial de café, e o Haiti, sozinho, cerca de 55%. O restante da produção se repartia entre as Guianas Holandesa (130 mil sacos), Inglesa (45 mil, então colónia da Holanda), Jamaica (15 mil), Java (40 mil), Arábia e Etiópia (100 mil), e pequenos produtores.<sup>8</sup>

O desenvolvimento da produção na Guiana Holandesa, Martinica e Guadalupe tinha-se realizado fundamentalmente na primeira metade do século XVIII. O Haiti, por outro lado, tinha desenvolvido sua produção cafeeira de maneira acelerada nas três décadas anteriores à revolução. Sem dúvida alguma, este fato também refletia um importante incremento no consumo mundial, uma vez que os dados disponíveis parecem sugerir que a produção exportável do mundo não chegava a 500 mil sacos em meados do século XVIII. Como bem se sabe, a revolução teve um efeito catastrófico sobre a produção haitiana de açúcar. No caso do café, os efeitos não foram tão dramáticos, graças ao surgimento da pequena produção cafeeira no sul, e seu progressivo avanço para outras zonas do país, que substituiu gradualmente a produção nas fazendas escravistas. De qualquer forma, a oferta de

<sup>8</sup> O consumo europeu era estimado em 1,1 milhão de sacos (Choussy, Felix. *El Café*. San Salvador, 1934. Tomo 2: História del café. p. 126; FAO. *The World's coffee*. Roma, 1948. p. 39). As importações líquidas dos EUA foram de 71.365 sacos na última década do século (Bureau of Statistics. op. cit.). Sobre as exportações do Haiti, ver Franco, José L. *História de la Revolución de Haití*. La Habana, 1966. p. 145-7; e Pedraja, René de la. *The Spanish West Indies: from conquest to export agriculture*. 1979. Cap. 1. mimeogr. Temos usado a conversão 1 quintal = 50 kg, em vez de 46 kg que René de la Pedraja usa, e que é aplicável a Cuba e Porto Rico; esta conversão mostra que os dados de Franco se assemelham mais aos de Ukers, W. H. op. cit. p. 509. Para os dados de outros países, ver Ukers, W. H. op. cit. cap. 33; Thurber, F.B. op. cit. p. 71-2; Choussy, F. op. cit. p. 125-6; Riva, Francisco Pérez de la. *El Café: historia de su cultivo y explotación en Cuba*. La Habana, 1944. p. 21. Muitos destes dados referem-se a anos anteriores; no caso dos principais países produtores, sem dúvida, parece bem claro, por estas fontes, que a produção estava parada desde o começo do século na Arábia e Etiópia, desde meados do século na Martinica e na Guiana Holandesa, e ao menos desde a década de 70 em Guadalupe; a produção da Jamaica e da Guiana era de recente expansão, e pode estar subestimada. No caso da Arábia e Etiópia, as exportações para a Europa através do Egito tinham sido de 60 a 70 mil sacos de 80 kg em 1722 (Ukers, W.H. op. cit. p. 525); antes da Revolução Haitiana, calculava-se tais exportações em 20% das exportações de Haiti (Moral, Paul. *La culture du café en Haiti: des plantations coloniales aux jardins actuels. Les Cahiers d'Outre-Mer*. p. 254. 1955).

café diminuiu, ocasionando graves problemas no contexto de um consumo mundial em expansão.<sup>9</sup>

Os efeitos desses desajustes no mercado mundial foram sentidos nos últimos anos do século XVIII, quando os preços se elevaram muito acima dos prevalentes nos anos anteriores à Revolução Haitiana. Os preços permaneceram relativamente elevados até o início da década de 1820. Infelizmente, os conflitos políticos deste período introduzem um elemento de erraticidade nas séries de preços, o que não permite ver com clareza seu movimento real. Em curtos períodos, os fenômenos políticos alteravam dramaticamente o funcionamento do mercado. Em 1810-12, por exemplo, como resultado das guerras napoleônicas, os ingleses impediram o acesso do café aos mercados do continente. Como resultado desse bloqueio, os preços em Amsterdã aumentaram em mais de 100%, enquanto que na Inglaterra se acumulavam estoques e os preços diminuía em 30-40%.<sup>10</sup>

As primeiras regiões a responder aos desequilíbrios do mercado mundial de fins do século XVIII foram as colônias européias nas Antilhas e as Guianas, onde a produção não tinha se desenvolvido ainda em grande escala. A resposta foi especialmente rápida na Jamaica, que já em 1805-9 exportou 204 mil sacos, e em 1814 alcançou sua exportação máxima: 257 mil. A Guiana Britânica, que passou de mãos holandesas a inglesas em 1796, produziu, já em 1803, 82 mil sacos e, em 1810, 170 mil. Estas duas colônias logo encontraram limites ao seu desenvolvimento cafeeiro, devido à política antiescravista que a burguesia inglesa liderou, e que teve como efeito a abolição do tráfico para as colônias inglesas em 1807 e da escravidão em 1833. Na Jamaica, as exportações de café nunca chegaram a superar a média quinquenal de 1805-9, e se mantiveram entre 1815 e 1832 ao nível de 150 mil sacos, para cair enormemente nas décadas de 30 e 40. A Guiana Britânica, por sua vez, tinha diminuído suas exportações a somente 67 mil sacos em 1828, e a 25 mil em 1836.<sup>11</sup>

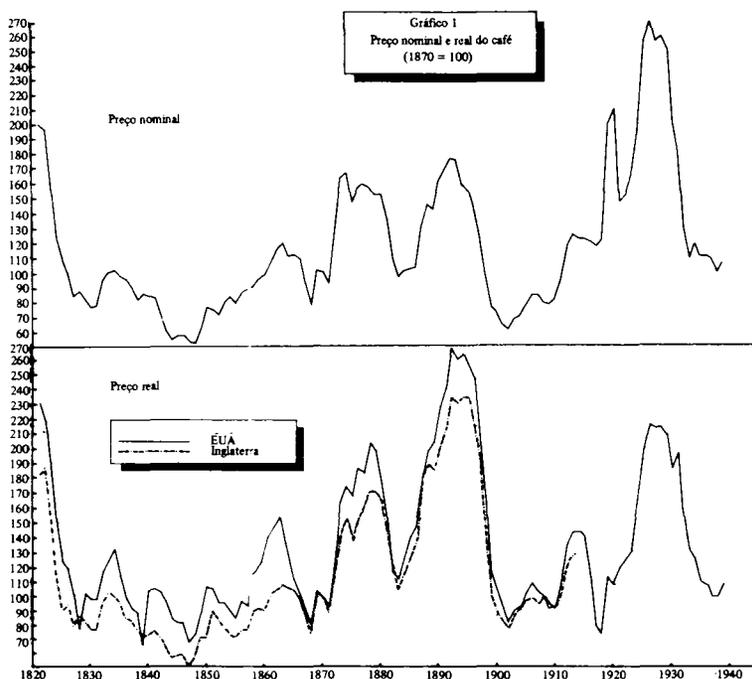
Cuba também teve um notório desenvolvimento cafeeiro nas primeiras três décadas do século. Durante este período, deixou de ser exportador marginal de café, para exportar 492 mil sacos em 1833. A expansão se concentrou principalmente na província de Pinar del Rio, no oeste do país, e em segundo lugar na provín-

<sup>9</sup> Pedraja, René de la. op. cit. cap. 1; Moral, P. op. cit.

<sup>10</sup> Thurber, F. B. op. cit. p. 183; Tooke, Thomas & Newmarch, William. *A History of prices and of the state of the circulation, from 1792 to 1856*. London, 1928. v. 2, p. 398-9. Para obter os preços reais, deflacionaram-se as séries estatísticas desta última fonte pelo índice de preços Schumpeter-Gilboay de bens de consumo. Na Grã-Bretanha (Mitchel, B. R. *Abstract of British historical statistics*. Cambridge, 1962. p. 469), em termos nominais, o preço do café elevou-se substancialmente em cima dos preços de 1786 a 1790 a partir de 1795, mas em termos reais somente se nota um adicional importante a partir de 1797; em 1798-99 os preços reais estavam 30% acima dos preços de 1786-90; apesar de fortes quedas (que podem ser causadas por fenômenos políticos), os preços reais tendiam a retornar aos níveis do fim da década de 1790.

<sup>11</sup> Laërne, C. F. van Delden. *Brazil and Java, Report on coffee culture in America, Asia and Africa*. London, 1885. p. 420-1; Ukers W.H. op. cit. p. 506.

cia de Oriente. Esta última zona se beneficiou da imigração de refugiados franceses provenientes do Haiti, que incluía negros libertos e alguns escravos de confiança. Seu desenvolvimento viu-se afetado pelo sentimento antifrancês que despertou a invasão francesa à Espanha em 1808, e que conduziu à expulsão dos franceses não naturalizados da província de Oriente, em abril de 1809. No entanto, a expansão cafeeira continuou também nessa zona de Cuba até o início da década de 30. A decadência cafeeira de Cuba a partir de 1833, tanto no leste quanto no oeste, foi resultado da forte expansão açucareira no oeste, que pressionou por uma mão-de-obra crescentemente escassa, no contexto de preços de café decrescentes (segundo se observa no gráfico 1) e que conduziu a um importante deslocamento



**Fontes:** Preços nominais: quadro 2; preços reais nos EUA: preços nominais do café deflacionados pelo índice de preços por atacado nos EUA (US Bureau of the Census. *Historical statistics of the United States*. 1975. Séries E-40 e E-52. Esta última foi convertida em dólar-ouro em 1862-78, deflacionado pelas taxas de câmbio de 1-12); preços reais na Grã-Bretanha: preços nominais do café deflacionados pelo índice de preços por atacado na Grã-Bretanha (Mitchel, B. R. *Abstract of British Historical Statistics*. Cambridge, 1962. p. 471-3. Índice Rousseaux). **Obs.:** Para obter-se uma série única de preços nominais de café, fizeram-se as seguintes transformações:

1. As séries A e C do quadro 2, em 1821-1917, foram convertidas para anos civis, ponderando-se os preços dos anos fiscais pelo número de meses do ano civil incluídos em cada ano fiscal. O preço do café em 1917 supõe-se igual ao do ano fiscal 1916-7.
2. As novas séries foram utilizadas para gerar uma série única de preços da seguinte forma: 1821-60: série A; 1861-76: série B; 1877-1939: série C; Junção: 1861 e 1875-9.

de mão-de-obra escrava das lavouras cafeeiras para os engenhos açucareiros. Porto Rico também teve uma importante expansão cafeeira até alcançar, em fins da década de 1820, cerca de 100 mil sacos anuais. Nas décadas seguintes, caracterizadas pelas constantes quedas dos preços, também decaiu ali a indústria cafeeira, apesar de não tão dramaticamente como no caso cubano.<sup>12</sup>

Como se pode observar nos parágrafos anteriores, até 1820 as Antilhas e as Guianas conseguiram conservar seu domínio do mercado mundial de café, graças ao desenvolvimento de novas zonas produtoras. A partir de 1820, o fenômeno mais notório no mercado mundial do café foi o desenvolvimento em grande escala da produção cafeeira em outras regiões do mundo. A mais importante destas novas regiões cafeeiras foi o Brasil, que tinha começado a fazer exportações apreciáveis em fins do período 1810-20, e continuou expandindo-se de maneira muito acelerada nas décadas seguintes.<sup>13</sup> A segunda zona de desenvolvimento importante na década de 1820 localizou-se nas Índias Holandesas. Segundo vimos anteriormente, Java havia sido uma zona marginal de produção durante o século XVIII, exportando entre 20 mil e 40 mil sacos anuais, desde a década de 1720. Aparentemente, a indústria de Java tinha aumentado sua produção nas primeiras duas décadas do século XIX acima dos níveis alcançados no século XVIII, mas seu grande crescimento se deu, sem dúvida alguma, na década de 1830. Já no começo da década de 1840, a produção de Java havia ultrapassado 1 milhão de sacos anuais, e seu cultivo havia-se estendido a outras ilhas do arquipélago indonésio, especialmente Sumatra e Célebes.<sup>14</sup> Por outro lado, o Ceilão, que também não tinha tido um desenvolvimento cafeeiro importante, começou a expandir sua produção rapidamente na década de 1830, e continuaria fazendo-o de maneira quase contínua até fins da década de 1860. Do Ceilão, o café se estenderia mais tarde até o sul da Índia.<sup>15</sup> Também a partir da década de 1830, a indústria cafeeira começou a desenvolver-se em outros países americanos. Os casos mais precoces de desenvolvimento cafeeiro foram Venezuela<sup>16</sup> e Costa Rica.<sup>17</sup>

A forte expansão cafeeira do Brasil e de Java, e em menor medida do Ceilão e outros países, gerou uma forte queda nos preços mundiais do café a partir de

<sup>12</sup> Pedraja, René de la. op. cit. caps. 5 e 6; Fragnals, Manuel Moreno. *El Ingenio: complejo económico-social cubano del azúcar*. La Habana, 1978. tomo 1, p. 270-4.

<sup>13</sup> Taunay, Alfonso de E. *Pequena história do café no Brasil*. Rio de Janeiro, 1945.

<sup>14</sup> Day, Clive. *The Policy and administration of the Dutch in Java*. Kuala Lumpur, 1966. caps. 4-9; Furnivall, J. S. *Netherlands India: a study of plural economy*. 1967. caps. 3-6; Sievers, Allen M. *The Mystical world of Indonesia: culture and economic development in conflict*. Baltimore, 1974. caps. 4-5; Vleeke, Bernard H.M. *Nusantara: a history of Indonesia*. ed. rev. La Haya, 1959. caps. 13-14; Thurber, F.B. op. cit. caps. 10-11.

<sup>15</sup> Thurber, F.B. op. cit. caps. 12 e 13.

<sup>16</sup> Veloz, Ramón. *Economía y finanzas de Venezuela desde 1830 hasta 1944*. Caracas, 1945.

<sup>17</sup> Cardoso, Ciro F. S. La Formación de la hacienda cafetera costarricense en el siglo XIX. In: *Haciendas, latifundios y plantaciones na América Latina*. México, Siglo XXI, p. 635-67; Cardoso, Ciro F. S. & Pérez Brignoli, Héctor. *Centro América y la Economía Occidental (1520-1930)*. San José, 1977. cap. 7.

meados da década de 1820, segundo se observa no gráfico 1 e no quadro 2. Esta queda nos preços foi um fator-chave na crise que viveu a produção antilhana e a das Guianas, a partir de 1830, com exceção do Haiti, que vinha reconstruindo sua indústria cafeeira com base na produção camponesa. No início da década de 30, a produção mundial era de 2,5 milhões de sacos, e se repartia mais ou menos da seguinte maneira, entre os principais países produtores:<sup>18</sup>

País	Sacos
Brasil	610.000
Cuba	430.000
Java	400.000
Haiti	350.000
Jamaica	110.000
Porto Rico	100.000
Venezuela	75.000

Estes países produziam conjuntamente cerca de 2,1 milhões de sacos, mas em outras zonas (ilha de Reunião, Arábia, Etiópia, as Guianas e outras Antilhas) havia uma produção aproximada de 400 mil sacos. Como se pode observar, já as novas zonas de produção cafeeira estavam começando a deslocar as Antilhas no mercado mundial de café. Este deslocamento tinha-se completado em meados do século, segundo se observa no quadro 3. Por isso, então, o Brasil e as Índias Holandesas dominavam o mercado mundial de café, participando com 77,5% da produção mundial, contribuindo o Brasil com 52,2% do total.

Segundo se observa também no gráfico 1 e no quadro 2, o declínio nos preços nominais e reais do café, que havia começado na década de 1820, alcançou seu ponto mais baixo em fins dos anos 40; a partir dessa época começou um forte movimento ascendente dos preços, que alcançou seu ponto mais alto em meados da década de 1890. Como vemos no gráfico, este período não esteve isento de movimentos cíclicos, nos quais se alternam os mercados de compradores e vendedores, mas, tanto os preços nominais, como os reais, superam em cada fase de um novo ciclo os valores alcançados na fase correspondente do ciclo anterior. Desta maneira, os mercados de vendedores característicos de 1850-3, 1861-4, 1873-9 e 1890-6 mostram uma seqüência de preços nominais e reais cada vez mais altos, e o mesmo ocorre com os mercados de compradores que antecedem estas fases altas do ciclo cafeeiro.<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Taunay, A.E. op. cit. p. 547-9; Riva, Pérez de la. op. cit. p. 51 (dados convertidos a kg à razão de 1 quintal = 46 kg); Thurber, F. B. op. cit. p. 73; Pedraja, René de la. op. cit. (dados do Haiti e Porto Rico; nos primeiros, supõe-se em nosso caso que 1 quintal = 50 kg e não 46 kg, como supõe tal autor); Laërne, C.F. van Delden. op. cit. 506; Veloz, Ramón. op. cit.

<sup>19</sup> Uma regressão dos preços nominais e reais do café do gráfico 1 dá um coeficiente claramente positivo no período 1850-96, mais acentuado no caso dos preços reais ( $t = 7,60$  e  $9,18$  para os preços nominais e reais respectivamente). Isto não é certo no período 1857-1906, para o qual não há uma tendência significativa. Isto coincide com as apreciações de Delfim Netto, Antônio. *O Problema do café no Brasil*. Rio de Janeiro, 1979. p. 1-7. A inclusão deste último período não permite ver, sem dúvida, o fenômeno do desequilíbrio crescente no mercado na segunda metade do século XIX.

Esta tendência ascendente dos preços do café na segunda metade do século XIX reflete basicamente os problemas com os quais tropeçava a oferta mundial de café para responder ao ritmo ascendente da demanda.

Quadro 2  
Preços nominais de café  
(centavos de dólar por libra-peso)

Ano	Série A	Ano	Série B	Série C	Ano	Série C
1821	21,1 <sup>a</sup>	1860	13,3		1900	7,0
1822	21,5	1861	12,8		1901	7,8
1823	19,0	1862	13,8		1902	5,5
1824	13,9	1863	14,4		1903	7,0
1825	11,6	1864	13,4		1904	6,9
1826	11,1	1865	13,4		1905	7,4
1827	8,9	1866	13,1		1906	8,3
1828	9,4	1867	11,2		1907	9,0
1829	9,0	1868	9,4		1908	8,2
1830	8,2	1869	12,1		1909	8,0
1831	7,7	1870	12,0		1910	8,0
1832	9,9	1871	11,2		1911	8,8
1833	10,6	1872	15,3		1912	10,9
1834	10,9	1873	19,6		1913	13,1
1835	10,4	1874	20,2		1914	12,6
1836	10,3	1875	17,7	15,5 <sup>c,d</sup>	1915	12,3
1837	9,8	1876	18,8	15,5	1916	12,4
1838	8,7	1877	19,3	15,5	1917	11,9
1839	9,1	1878	19,2	16,8	1918	12,4
1840	9,0	1879	17,6	15,1	1919	20,2
1841	9,1	1880	17,9	15,9	1920	21,3
1842	7,9	1881	16,8	15,1	1921	15,0
1843	6,9 <sup>b</sup>	1882	16,1	12,3	1922	15,4
1844	6,1 <sup>c</sup>	1883	15,6	9,7	1923	16,8
1845	5,8	1884	14,6	10,1	1924	20,0
1846	6,3	1885	15,8	10,5	1925	25,9
1847	5,8	1886	13,9	10,3	1926	27,3
1848	5,4	1887	17,7	10,6	1927	26,0
1849	5,5	1888	16,9	16,1	1928	26,3
1850	7,7	1889	17,8	13,5	1929	25,9
1851	8,4	1890	20,1	15,4	1930	20,5
1852	7,5	1891		17,1	1931	18,3
1853	7,8	1892		16,9	1932	13,0
1854	9,0	1893		18,8	1933	11,1
1855	8,8	1894		16,7	1934	12,1
1856	9,1	1895		15,6	1935	11,2
1857	9,3	1896		15,8	1936	11,2
1858	9,7	1897		13,5	1937	11,0
1859	9,5	1898		11,5	1938	10,1
1860	10,8	1899		8,6	1939	10,7
1861	11,1					
1862	11,4 <sup>d</sup>					

Fontes: *Commerce and navigation of the United States; Annual statement of the trade and navigation of the United Kingdom with foreign countries and British possessions.*

Obs.: Série A: preço médio de importações totais de café dos EUA; Série B: preço médio de importações totais de café colombiano na Grã-Bretanha; Série C: preço médio de importações totais de café colombiano nos EUA.

<sup>a</sup> 1821-42: ano fiscal que termina em setembro do ano indicado no quadro.

<sup>b</sup> Outubro 1842-junho 1853.

<sup>c</sup> 1844-1917: ano fiscal que termina em junho do ano indicado no quadro.

<sup>d</sup> 1862 e 1875-9: dados originais convertidos em dólar-ouro, utilizando-se as taxas de câmbio de *Sound Currency*, 3 (17): 1.806-66, Aug.

Pelo lado da oferta, os problemas originaram-se, a partir da década de 1840, da produção das Índias Holandesas e, na década seguinte, da produção brasileira. O governo holandês tinha conseguido aumentar dramaticamente a oferta de café de Java nas décadas de 1820 e 1830, à base do cultivo forçoso de café nas comunidades locais, e do monopólio de sua comercialização por parte do Estado. Este sistema tributário de exploração das comunidades indígenas conseguiu desenvolver plenamente o sistema implantado no século XVIII pela Companhia das Índias Orientais. No quinquênio de 1840-44 a produção de Java já havia alcançado 1.042 mil sacos, nível que dificilmente se superaria no restante do século. Até 1850, a produção havia-se estendido além de Sumatra e Célebes. A partir de meados do século, a produção total das Índias Holandesas praticamente estacionou: a produção cafeeira nas plantações privadas em Java e Célebes prosseguiu em expansão, mas continuou marginal; desta maneira, a suspensão dos impostos de café em Java, e da produção de Sumatra dominaram o panorama cafeeiro das Índias Holandesas a partir de meados do século, segundo se observa no quadro 3.<sup>20</sup>

Quadro 3  
Produção mundial de café (milhares de sacos de 60 kg)

	1855-9 <sup>a</sup>	1860-4	1865-9	1870-4	1875-9	1880-4	1885-9	1890-4	1895-9	1900-4	1905-9
Brasil	2.742,0	2.564,3	2.987,3	3.245,9	3.978,5	5.290,5	5.697,1	5.879,7	8.614,4	12.210,8	13.095,1
Venezuela	285,0 <sup>b</sup>	271,9 <sup>b</sup>	327,8 <sup>b</sup>	411,6 <sup>b</sup>	505,1	684,3 <sup>b</sup>	716,0	801,2 <sup>b</sup>	852,1 <sup>c</sup>	727,4	710,3
Colômbia	27,8		62,7	97,8	148,8	221,1	239,9	246,3	490,6	541,6	616,8
América Central		74,2	153,2	251,1	305,4	399,3 <sup>d</sup>	713,0	930,4	945,3	1.300,7	1.479,7
Haiti e São Domingos	178,4	244,6	247,5	270,4	455,2	507,5 <sup>d</sup>	465,0	480,0	438,7	399,0	388,7
México	0,4	3,2	4,1	11,6	47,8	106,3	104,0	126,0	325,0	384,0	384,0
Índias Holandesas	1.324,8	1.198,2	1.206,5	1.306,5	1.386,1	1.613,9	1.217,0	853,7	784,0	602,7	342,0
Ceiloão	454,6	573,9	795,9	746,5	675,2	369,7	158,7	68,3	36,3	28,3 <sup>e</sup>	
Índia	67,5	155,3	250,5	317,4	276,3	305,8	298,3	286,3	270,0	234,0	169,0
Produção mundial	5.248,4	5.268,4	6.187,8	6.838,2	7.991,4	9.479,2	9.886,6	10.083,6	13.174,9	16.392,1	17.051,3

Fontes: Colômbia: Ocampo, José Antonio. Las exportaciones colombianas en el siglo XIX. *Desarrollo y Sociedad*, (4): 216-7, quadro B-7, jul. 1980; Venezuela: Vekoz, Ramón. *Economía y finanzas de Venezuela, desde 1830 hasta 1944*. Caracas, 1945; outros países e produção mundial: 1855-84: C. F. Van Delden Laérne, *Brazil and Java. Report on Coffee Culture in America, Asia and Africa*. London, 1885. p. 417-8, 454 (Brazil and Mexico), 456 and 462; 1885-1909: FAO. *The World's Coffee*. Roma, 1948. p. 96-99.

<sup>a</sup> Todos são anos fiscais ou cafeeiros, terminando em meados do ano indicado (é possível que em meses diferentes para cada país), exceto os dados colombianos a partir de 1870, que se referem a 5 anos-calandários.

<sup>b</sup> Não existem dados para todos os anos do período.

<sup>c</sup> Exclui 1895.

<sup>d</sup> 1880-2.

<sup>e</sup> 1900-2.

O Brasil tinha tido, como vimos, um extraordinário desenvolvimento cafeeiro desde fins da década de 1810. Entre 1821-5 e 1850/1-54/5 as exportações de café aumentaram de 208 a 2.514 mil sacos anuais, crescendo a um ritmo anual de 8,8%. Na realidade, a expansão acelerada havia praticamente terminado em fins da década de 1840, quando, em alguns anos, as exportações superaram os 2,3 milhões de sacos anuais. Nas três décadas seguintes, o ritmo de crescimento das exportações cafeeiras foi muito baixo. Em 1875/6-79/80, a média das exportações foi de 3.665 mil sacos, que apenas supera em 45% (1,5% anual) os níveis alcançados no começo da década de 50.<sup>21</sup> O problema básico neste período da história cafeeira brasileira foi a disponibilidade de mão-de-obra. Na primeira metade do sé-

<sup>20</sup> Ver nota 14.

<sup>21</sup> Taunay, A. E. op. cit. p. 547-9.

culo XIX, o café tinha-se expandido sobre uma base escravista. Em meados do século proibiu-se o tráfico no Brasil e a economia cafeeira encontrou sérias dificuldades para continuar se expandindo sobre a base da força de trabalho já existente no país: a redistribuição da mão-de-obra escrava resultou insuficiente para as necessidades de expansão cafeeira, enquanto que a mão-de-obra associada aos sistemas agrários tradicionais se liberava a um ritmo muito lento. A nova expansão cafeeira do Brasil, que se percebe com clareza desde fins da década de 1870, só foi possível graças à importação em grande escala de mão-de-obra europeia para as plantações que se desenvolveriam na área de São Paulo. A possibilidade de uma expansão cafeeira sobre esta base dependeu de três condições: em primeiro lugar, a garantia oferecida a esta mão-de-obra de que seria tratada como mão-de-obra livre, num país onde haviam predominado até então as relações escravistas no setor cafeeiro; em segundo, do apoio oferecido pelo governo a este fluxo imigratório; e, finalmente, da possibilidade de oferecer, no setor cafeeiro, os níveis de remuneração suficientemente altos para atrair mão-de-obra europeia. Esta última condição só foi possível graças aos altos preços do café que se alcançaram nas décadas de 70 e 90 do século passado.<sup>22</sup>

Como pode-se observar no quadro 3, o Brasil e as Índias Holandesas, que produziam mais de três quartos do café mundial na década de 50, tinham diminuído sua participação para dois terços, de 1870 a 1874. Segundo se observa também neste quadro, o Ceilão e o sul da Índia tinham oferecido um importante elemento de dinamismo à oferta mundial de café durante estes anos. Sem dúvida, o aparecimento da praga “roya” nos cafezais do Ceilão em 1869 pôs fim a este movimento ascendente e, a partir da década de 70, começou a diminuir sua produção. Em 1876, a mesma praga apareceu em Sumatra e, três anos depois, em Java, gerando um movimento descendente na oferta das Índias Holandesas a partir da década de 1880. Tanto no Ceilão como nas Índias Holandesas tentou-se impedir o movimento descendente da produção cafeeira, cultivando-se inicialmente as espécies da Líbéria, mas em nenhum dos dois países tal espécie desenvolveu-se em grande escala. O Ceilão abandonou gradativamente o plantio do café e dedicou seus recursos ao desenvolvimento da produção de chá. Nas Índias Holandesas, a queda de produção foi detida no começo do século XX, graças à extensão dos plantios do café robusta. Esse desenvolvimento requereu, sem dúvida, a eliminação do sistema do plantio forçado, já que o processamento do café robusta somente é adaptável à grande exploração cafeeira de caráter capitalista.<sup>23</sup> Entretanto, o movimento ascendente dos preços mundiais tornou possível o cultivo do café em algumas zonas produtoras da América onde o mesmo já havia sido plantado em certa escala antes de

<sup>22</sup> Furtado, Celso. *The Economic growth of Brazil*. Berkeley, 1971. caps. 21-4; Silva, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo, 1978; Lewis, W. Arthur. *Growth and fluctuations*, 1870-1913. London, 1978. p. 190.

<sup>23</sup> Thurber, F. B. op. cit. cap. 12; Wester, P. J. Notes on coffee in Java. *The Phillipine Agricultural Review*, 9 (2): 120-32, 1916. Sobre a aparição da praga “roya”, ver Thurber, F. B. op. cit. p. 78 e 94; Day, C. op. cit. p. 396.

1850 (Venezuela, Haiti e Costa Rica), e o desenvolvimento de novas zonas produtoras (Guatemala, El Salvador, México e Colômbia.)<sup>24</sup>

Os desequilíbrios no mercado mundial do café não se resolveram no fim do século, quando a grande expansão do plantio na região paulista no Brasil incrementou notavelmente a oferta mundial, e fez descer os preços, dramaticamente, entre 1896 e 1902.<sup>25</sup> No começo do século XX, o Brasil contribuía com 75% da produção exportável mundial, e o resto desta produção estava basicamente concentrada no México, América Central, Venezuela e Colômbia. Somente o Haiti, entre as velhas zonas produtoras do início do século XIX, conservou um importante desenvolvimento cafeeiro. A produção asiática, que ocupara uma posição importante através do século XIX, reduziu-se a somente 3% da produção mundial de 1905 a 1909.

## 2. A expansão cafeeira colombiana e as conjunturas do mercado mundial

Como vimos no item anterior, a Colômbia surgiu na segunda metade do século XIX como um país cafeeiro importante, coincidindo com uma fase de desequilíbrio crescente no mercado mundial do café. Esta expansão cafeeira foi também um processo de migração da fronteira cafeeira ao interior do país. Infelizmente, os dados existentes não permitem descrever com muita precisão nenhum destes dois processos. Os dados globais da exportação de café do país, que aparecem resumidos no quadro 4 e noutro estudo,<sup>26</sup> formam uma série descontínua, na qual faltam, em alguns anos, os dados de alguns portos importantes, e na qual estão incluídas quantidades desconhecidas de café venezuelano em trânsito por Cúcuta. Alguns dados relacionados com a produção cafeeira em diferentes regiões do país, que resumimos no quadro nº 5, são ainda mais fragmentados e deficientes. Neste quadro incluímos somente uma série de dados relativamente consistente, e excluímos outros, que aparecem na literatura sobre a história cafeeira colombiana, que consideramos de menor credibilidade. De qualquer maneira, os dados do quadro 4 são, em alguns casos, meras aproximações, e estarão sujeitos a uma crítica nas páginas que se seguem.

Até meados da década de 60, a quase-totalidade das exportações do café da Colômbia se faziam por Cúcuta. As exportações por outros portos colombianos superaram os 6 mil sacos anuais apenas em 1864/1865 e 1865/1866.<sup>27</sup> As exportações que se faziam pelo porto de Cúcuta até 1860 eram provenientes, quase

<sup>24</sup> Sobre a América Central, ver Cardoso, Ciro F. S. & Pérez Brignoli, H. op. cit. cap. 9.

<sup>25</sup> Ver nota 22; ver também Furtado, Celso. op. cit. cap. 30; e Delfim Netto, A. op. cit. cap. 1.

<sup>26</sup> Ocampo, José Antonio. Las exportaciones colombianas en el siglo XIX. *Desarrollo y Sociedad*, (4): 216-7, cuadro B-7, jul. 1980.

<sup>27</sup> Id. ibid. p. 216.

**Quadro 4**  
**Exportações de café da Colômbia, 1835-59**  
(Inclui reexportações de café venezuelano por Cúcuta; sacos de 60 kg)

	Cúcuta	Outros portos	Total
1834/5	2.340	252	2.591
1836/7	3.911	23*	3.934
1837/8	5.485	—	5.485
1838/9	7.755	25	7.780
1840/1	22.014	—	22.014
1843/4	18.191	817	19.008
1844/5	19.548	372	19.920
1850/1	35.856		
1854/5			34.393
1855/6			35.524
1856/7			41.393
1857/8			47.682
1858/9			54.755

Fonte: *Memorias de hacienda*, 1850/1; Ancizar, Manuel. *Peregrinação de Alpha*. Bogotá, 1970. v. 2, p. 207.

\* Exportações de Cartagena em 1835/6 é a média das exportações de Santa Marta em 1835/6-36/7.

que na totalidade, deste distrito,<sup>28</sup> e dali a produção estendeu-se à margem fronteira do distrito de Pamplona. Existem alguns cálculos exagerados para estes anos, que indicam uma produção de 60 mil sacos em 1850 e de 110 mil sacos em 1860.<sup>29</sup> Ambos os dados superam o total das exportações do porto de Cúcuta, que incluía um pouco de café venezuelano no trajeto. Em meados do século, o cálculo de Ancizar sobre a produção do distrito de Salazar mereceu maior credibilidade. O autor calculou tal produção em 5 mil sacos, que valeriam cerca de \$80 mil (provavelmente pesos de 8 décimos).<sup>30</sup> O valor parece exagerado, já que, a preços internacionais mais altos, o preço médio do produto exportado por Cúcuta na segunda metade da década de 1850 foi apenas de 15 ¢ /kg. O distrito de Salazar contribuiu com um pouco mais de 30% do café produzido em Cúcuta em 1874,<sup>31</sup> e em 1850 esta proporção era provavelmente maior, já que foi um dos primeiros distritos a

<sup>28</sup> O departamento era uma subdivisão dos estados federados, que posteriormente (1886-1945) denominou-se província. A classificação de distritos (municípios) em departamentos, que se utiliza neste estudo, corresponde à existente em 1870 (ver Oficina de Estatística Nacional. *Estadística de Colombia*. 1876. tomo 1.

<sup>29</sup> Palacios, Marco. *El Café en Colombia (1850-1970): una historia económica, social y política*. Bogotá, 1979. p. 21 e 24.

<sup>30</sup> Ancizar, Manuel. *Peregrinación de Alpha*. Bogotá, 1970. tomo 2, p. 199.

<sup>31</sup> Todos os dados de 1874 são tirados da Oficina de Estatística Nacional. *Anuario Estadístico de Colombia*. 1975. p. 137.

Quadro 5  
Produção de café na Colômbia, por regiões  
(milhares de sacos)

		Cúcuta e Pamplona	Ocaña	Total
A) <i>Santander do Norte</i>	1866	50,0	10,4	60,4
	1870	54,0	16,7	70,7
	1874	63,1	31,2	94,3
	1890	83,3		
	1904	100,0	50,0	150,0
	1913			200,0
B) <i>Santander</i>	1874			10,7
	1890			50,0
	1904			120,0
	1906-11			77,1
	1913			105,0
C) <i>Cundinamarca e Tolima</i>	1870			3,0
	1880			12,5
	1888			38,0
	1895-1900			150,0
	1913			260,0
		Antioquia	Caldas	Valle
D) <i>Produção do oeste</i>	1892	9,5	2,7	
	1913	185,0	199,0	50,0 (Bell) (López)
		259,9	281,9	
E) <i>Exportações do oeste</i>		Exportações de Boaventura	Exportações pela Ferrovia de Antioquia	
	1872/3-75/6	1,2		
	1887/8	3,9		5,2
	1891	13,2		6,8
	1895	14,5		19,9
	1896	22,8		31,8
	1897	20,6		44,1
	1898	23,7		53,5
	1899			62,4
	1900/4			93,0
	1905/7	25,1 *		99,2

*Fontes: Itens A, B, C, D:* 1866 e 1870 – Cúcuta e Pamplona: exportações estimadas pelo porto de Cúcuta; 1866 – Ocaña: *Commercial relations of the United States*. 1867, p. 741; 1870 – Ocaña: Camacho R. *Escritos varios*. 2ª série, p. 286; 1870 – Cundinamarca: Palacios. *El Café en Colombia*. p. 24; 1874 – *Anuario 1875*. p. 137; 1880 – Samper, Miguel. *Escritos* v. 1, p. 220; 1888 – Palacios. op. cit. p. 24; e Great Britain. *Consular Reports*, nº 446 p. 10, 1888; 1890 – Camacho R. *Notas de viaje*. p. 149 e 155; 1892 – Arango, Mariano. *Café e industria en Colombia*. p. 91-5; 1895-1900 – Palacios. op. cit. p. 24; 1904 – Great Britain. *Consular Reports*, nº 3.114, p.8. 1904; 1906-11 – López, Alejandro. *Escritos escogidos*. p. 388; 1913 – Bell, P.L. Coffee, the mainstay of Colombia. *The Tea and Coffee Trade Journal*, feb. 1922, p. 166; 1913 – Antioquia e Caldas: López, op. cit. p. 388.

*Item E:* Boaventura: *Memorias de hacienda y Anuarios Estadísticos*; Ferrovia de Antioquia: López. op.cit. p. 398; 1891: Brew. *El Desarrollo económico de Antioquia*. p. 280.

\* 1905.

desenvolver, grandemente, sua produção cafeeira. Em meados do século, outro distrito cafeeiro importante, Chinacota, estava apenas começando a produzir café.<sup>32</sup>

Se o cálculo de Ancizar é confiável, as quantidades produzidas no distrito de Cúcuta deveriam então estar entre 10 mil e 15 mil sacos. Dez anos mais tarde, Felipe Pérez calculava a produção dos distritos de Cúcuta e Ocaña em \$ 400 mil,<sup>33</sup> a um preço médio de 15 ¢/kg., isto implicaria que a produção seria de uns 44 mil sacos, se o dado se referisse a pesos fortes, e só 35 mil se o dado se referisse a pesos de 8 décimos (o que é mais provável); 6 mil destes sacos corresponderiam a Ocaña, uma vez que tal região exportava seu café através dos portos do Atlântico. Para esta mesma época, Camacho Roldán calcula a produção do distrito de Cúcuta em 25 mil sacos, avaliados em \$ 250 mil.<sup>34</sup> Estes dados parecem indicar que a produção de Santander do Norte, e do país, provavelmente era de 30 a 40 mil sacos no começo da década de 60. Visto que a produção de café tinha aumentado na década de 50, como resposta aos altos preços reais do café na primeira metade da década, e influenciado bastante as exportações (ver quadro 4), é indiscutível que a produção não fosse assim abundante em 1850.

Como resposta aos altos preços do café na década de 60, a produção continuou aumentando nas velhas zonas de produção de Cúcuta e Pamplona, até alcançar 63 mil sacos em 1874. Durante este período, a produção se desenvolveu em grande escala em Ocaña, até alcançar 31.200 sacos em 1874. Para isso, então, sobre uma produção exportável de 120 mil sacos, a produção continuava vindo, em sua maior parte, do norte de Santander, ainda que, nesta zona do país, a produção havia se deslocado parcialmente para Ocaña. Ao mesmo tempo, começou-se a produzir café numa escala apreciável, nos atuais estados de Santander e Cundinamarca. Em Santander, o *Anuário* de 1875 estimou a produção em 10.700 sacos; no oeste de Cundinamarca estimou-se em 1.300 sacos, e na parte leste do mesmo estado em 2.100. Da produção nacional calculada no *Anuário* citado (108.400 sacos), 87% vinham do norte de Santander.

Em meados da década de 70, com os preços internacionais outra vez muito elevados, a indústria cafeeira de Santander estava em plena expansão, especialmente no estado de Soto (Bucaramanga, e distritos vizinhos do norte e do sul). O mesmo estava ocorrendo no oeste de Cundinamarca, mesmo sendo em menor escala. Os dados do *Anuário* de 1875 indicam que nesta época existiam 7.782 mil pés de café nas velhas zonas cafeeiras de Cúcuta e Pamplona, que produziram em média 0,487 kg de café por pé, o que indica que se tratava, em sua quase-totalidade, de pés em idade de produção. No estado de Soto, pelo contrário, havia 6 milhões de pés que produziram somente 8.300 sacos (0,083 kg por pé), o que indica que existia um número muito elevado de pés recém-plantados. O mesmo ocorreu

<sup>32</sup> Ancizar, M. op. cit. tomo 2, p. 223.

<sup>33</sup> Pérez, Felipe. *Geografía física y política de los Estados Unidos de Colombia*. Bogotá, 1862. tomo 2, p. 444.

<sup>34</sup> Roldán, Salvador Camacho. *Escritos varios*, 1ª série. Bogotá, 1892. p. 442.

em Viotá e Guayabal, em Cundinamarca, onde 235 mil pés só produziram 250 sacos (0,064 kg por pé). Os efeitos destas plantações de café se fizeram sentir intensamente no final da década, quando as exportações passaram de 120 mil a 200 mil sacos.

Com o mesmo rendimento médio da zona do norte de Santander, os 6 milhões de pés de café tinham produzido no final da década 48.700 sacos, tudo no estado de Soto. Como a indústria cafeeira estava se estendendo ao mesmo tempo através de outras zonas de Santander, o cálculo de 50 mil sacos, que Camacho Roldán faz para 1890, parece muito baixa. É possível que o cálculo de 6 milhões de pés de café no estado de Soto em 1874 esteja exagerado, uma vez que o censo de produtos exportáveis de 1892 somente menciona 4,4 milhões de pés em produção, com uma produtividade por árvore, além do mais, muito baixo. Os dados deste censo não parecem ser, sem dúvida, de grande credibilidade.<sup>35</sup> Portanto, é provável que, simplesmente com base nos cafezais semeados em 1874, Santander produzisse 60 mil sacos no final da década. Esta produção, provavelmente, permaneceu estacionária durante a década de 80, uma vez que as plantações foram muito escassas na segunda metade da década de 70, em Santander, quando o apogeu da plantação de quina elevou substancialmente os salários na região.<sup>36</sup> Este escasso número de plantações se reflete muito no estancamento relativo das exportações colombianas de café entre 1880 e 1892.

Na parte ocidental de Cundinamarca, as plantações continuaram pelo resto da década, e em 1880 as exportações da região se encontravam em plena expansão, como observamos no quadro 5, item C. Sem dúvida, a quantidade absoluta da expansão cundinamarquesa não foi muito grande durante estes anos, sendo compatível com um crescimento muito lento da oferta total de café da Colômbia, na década de 80, de 200 mil a 220 mil sacos. Este último nível de produção, característico dos anos anteriores à grande expansão da década de 90, continuou concentrado principalmente nos santanderos, que produziram 180 mil sacos (120 mil em Santander do Norte e 60 mil em Santander propriamente dito; 55% e 27% do total nacional, respectivamente). Cundinamarca produzia 38 mil sacos (17%), e houve uma produção marginal em Antioquia e Valle. Como se vê, os santanderos concentravam 80% da produção nacional e, além disso, houve uma nova redistribuição geográfica da produção de Santander do Norte para Santander, durante a década de 70.

Durante a década de 90 do século passado, as exportações de café da Colômbia aumentaram de 200 mil para 600 mil sacos. Esta expansão foi, em termos regionais, a mais diversificada de todas as expansões cafeeiras do século passado.

<sup>35</sup> Estes dados são encontrados em Arango, Mariano. *Café e indústria, 1850-1930*. Bogotá, 1977. p. 91, 95, 150 e 166. Segundo as notas do quadro II-8, na p. 166, os dados de Valle, Cundinamarca e norte de Santander são muito deficientes.

<sup>36</sup> Provavelmente, como resultado da crescente demanda de mão-de-obra no setor cafeeiro, os salários elevaram-se em Santander em 1874 (ver *Anuario Estadístico de Colombia*. 1875. p. 138).

O quadro 5 e as observações anteriores permitem-nos calcular de maneira relativamente confiável a magnitude da expansão de Antioquia, Valle e Santander. No caso da Antioquia, os dados de exportação por ferrovia se referem, aparentemente, a sacos de 6,8 arrobas (85 kg);<sup>37</sup> desta maneira, pode-se estimar o crescimento das exportações em 1891-9 em 80 mil sacos. No caso do Valle, a expansão foi de 20 mil sacos, segundo o registro no quadro 5, item *E*, para as exportações pelo porto de Boaventura. No caso de Santander no Norte, a produção não aumentou em mais de 30 mil sacos, de uma produção que anteriormente calculamos em 120 mil sacos aos 150 mil que aparecem do quadro 5, item *A*. Finalmente, no caso de Santander, a produção registrada para o ano 1904 é improvável para um ano posterior à Guerra dos Mil Dias, como indicam as exportações de 1906-11, mas é razoável para um ano anterior a essa guerra. Partindo, como vimos, de 60 mil sacos, isto mostra que a produção duplicou durante a última década do século XIX.

Se os cálculos anteriores são certos, isto significa que o aumento na produção de Cundinamarca na década de 90 não poderia ser inferior a 190 mil sacos, ou seja, a metade do aumento na produção nacional durante a década de 90 (abstraindo-se a produção marginal em outras zonas do país, assim como, também, o consumo interno de café). Há que se ter em conta, ao estimar a quantidade de café produzida em Cundinamarca em fins do século XIX, que a produção sofreu ali, como em Santander, os efeitos da Guerra dos Mil Dias, como bem os ilustra a conhecida história da Fazenda Santa Bárbara,<sup>38</sup> e que, para tanto, a produção foi provavelmente maior em fins do século passado que no começo do século XX, e possivelmente superior à produção em 1913. Se isto está certo, uma provável distribuição da produção nacional antes da guerra deveria ser a seguinte:

País	Sacos	% da produção nacional
Cundinamarca	230.000	38
Norte de Santander	150.000	25
Santander	120.000	20
Antioquia (incluindo Caldas)	90.000	15
Valle do Cauca	20.000	3

Esta produção de Cundinamarca no final do século é compatível com os 46 milhões de pés que, segundo os cálculos, existiam na região em 1906.<sup>39</sup> Durante a guerra, simultaneamente com a redução na capacidade produtiva de Cundinamarca e de Santander, a produção antioquenha continuou aumentando, conforme se observa no quadro 5, item *E*, até alcançar 130-140 mil sacos. Isto indica também

<sup>37</sup> López, Alejandro. *Escritos escogidos*. Bogotá, 1976, p. 388.

<sup>38</sup> Deas, Malcom. Una hacienda cafetera de Cundinamarca: Santa Bárbara (1870-1912). *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, nº 8, p. 75-99, 1976.

<sup>39</sup> Id. *ibid.* p. 89, nota 11.

que a expansão das plantações foi provavelmente mais prematura em Cundinamarca e Santander do que em Antioquia, e que, nos dois primeiros, a expansão da fronteira cafeeira havia terminado em meio ao apogeu, provavelmente devido ao aumento nos salários, que teremos oportunidade de estudar mais adiante. No oeste cundinamarquês, o café veio-se expandindo, desde a década de 70, sobre três linhas diferentes. A primeira delas seguia a velha rota de Bogotá a Honda, a segunda seguia o rio Bogotá em sua descida para o Magdalena, e a terceira descia o Magdalena por Fusagasugá e Girardot. Infelizmente, não existem dados que permitam apreciar separadamente a produção destas diferentes regiões do oeste de Cundinamarca antes da Guerra dos Mil Dias. No leste de Cundinamarca, onde houve um desenvolvimento cafeeiro na década de 70, a produção praticamente desapareceu durante a crise do início dos anos 80, e nunca se recuperou<sup>40</sup> Em Antioquia, o café tinha começado a se desenvolver na década de 70, sobretudo na zona central do estado. A expansão do final do século se concentrou, sem dúvida, no sudeste antioqueño, especialmente no distrito de Fredonia.<sup>41</sup>

Desta maneira, as maiores plantações de café estiveram concentradas, antes de 1860, na zona de Cúcuta, e durante esta década em Cúcuta e Ocaña; na década de 70, em Santander (especialmente no distrito de Soto), e depois no oeste cundinamarquês. Na última década do século XIX, as plantações se concentraram no oeste cundinamarquês, no sudoeste antioqueño e santanderino, nesta ordem de importância. Já no final do século XIX e começo do XX, a produção cafeeira da Colômbia estava concentrada no leste, ainda que o oeste já tivesse começado a aparecer de maneira importante no panorama nacional.

Como a produção cafeeira da Colômbia provavelmente era inferior a 40 mil sacos em 1860, pelo visto isto significou que a quase-totalidade do aumento da capacidade produtora do país dependeu das conjunturas de preço excepcionais do fim do século XIX. A conjuntura de preços de 1887-97 foi especialmente importante, uma vez que foi precisamente durante este período que a oferta colombiana aumentou de 220 mil a 600 mil sacos. Como se vê no gráfico 1, esta foi uma conjuntura verdadeiramente excepcional, cuja explicação básica é a acumulação de desequilíbrios no mercado mundial do café e que aconteciam desde meados do século; somente este nível excepcional de preços permitiu corrigir esses desequilíbrios, mediante a expansão cafeeira da zona paulista no Brasil. Em termos dos preços reais do café, esta conjuntura alcançou níveis superiores aos gerados depois da Revolução Haitiana (semelhantes aos de 1821-23, observados no gráfico 1), e aqueles alcançados durante a conjuntura também excepcional de 1825-29.

A estreita relação que existe entre a expansão cafeeira colombiana do século passado e as condições de desequilíbrio do mercado mundial do café não tem sido

<sup>40</sup> Beyer, Robert C. *The Colombian coffee industry: origins and major trends*. Univ. de Minnesota, 1947. cap. 5. (Tesis doctoral.)

<sup>41</sup> Brew, Roger. *El Desarrollo económico de Antioquia desde la independencia hasta 1920*. Bogotá, 1977. cap. 6.

reconhecida amplamente na literatura histórica do país. A razão básica deste desconhecimento é a ausência, em nossos estudos históricos, de uma análise do mercado mundial do café, como a que fizemos parcialmente no item, 1 deste artigo. Uma razão adicional, também de peso, tem sido o uso generalizado de séries de preços nominais do café, algumas inclusive deficientes, já que se baseiam em dados norte-americanos, sem tomar conhecimento que, durante um período importante (décadas de 60 e 70), os EUA não estavam no padrão ouro.<sup>42</sup> As séries de preços nominais escondem tendências importantes do mercado, como bem o sabem os economistas, acostumados ao estudo dos processos inflacionários. Sua utilização só se pode justificar quando existe uma estabilidade do nível geral de preços. Isto não é, sem dúvida, o que ocorreu no século passado, que se caracterizou muito mais pela presença de duas fases deflacionárias importantes: uma, desde o final das guerras napoleônicas até meados do século, e outra entre 1873 e 1895; entre estas duas fases, e a partir de 1895, houve também duas fases de inflação moderada a nível mundial. Quando se tem em conta estes ciclos do nível geral de preços em escala mundial, obtém-se os preços reais do café (gráfico 1). Assim se compreende especificamente o caráter excepcional da conjuntura de preços de 1887-97, que foi surpreendente precisamente porque ocorreu na parte mais baixa de um período de deflação mundial. Se compararmos os níveis nominais de preços do café com os alcançados em outros períodos (1821-23, ou durante a década de 1920), esta conjuntura não parecerá nada excepcional, pelo que se vê no quadro 2 e no gráfico 1.<sup>43</sup>

A literatura histórica tem dado grande importância à desvalorização como um mecanismo impulsor da economia cafeeira em fins do século passado na Colômbia. O argumento mais claro foi desenvolvido por Miguel Urrutia, baseado nos trabalhos de Dario Bustamante e Fernando Lleras, e foi adotado posteriormente por vários autores.<sup>44</sup> Segundo Urrutia, a emissão de papel-moeda durante a Regeneração permitiu uma depreciação substancial do peso colombiano. A desvalorização não foi acompanhada por um aumento nos salários nominais e, por conseguinte, gerou um aumento na taxa de câmbio real para o cafeicultor. A desvalorização nominal foi elemento decisivo neste processo, uma vez que, segundo Urrutia, os salários nominais eram relativamente rígidos na época. O aumento na taxa de câmbio real atuava então como um incentivo importante para plantar café.

<sup>42</sup> Ver, por exemplo, Fedesarrollo. op. cit. p. 218, quadro X-3. Esta série se baseia no preço médio das importações líquidas dos EUA no ano fiscal que termina em junho do ano indicado no quadro (Bureau of Statistics. op. cit. p. 446-7).

<sup>43</sup> O estudo de Fedesarrollo citado na nota anterior calcula uma média móvel dos preços nominais como tendência secular. Esta "tendência secular" não pode servir, portanto, para determinar as tendências reais do preço do café.

<sup>44</sup> Urrutia, Miguel. *Cincuenta años de desarrollo económico colombiano*. Bogotá, 1979. caps. 2 e 3; Bustamante, Darío. Efectos económicos del papel moneda durante la Regeneración. *Cuadernos Colombianos* (4): p. 559-660, 1974; Lleras de la Fuente, Fernando. *El Café: antecedentes generales y expansión hasta 1914*. U. de los Andes, 1970 (tese); Zambrano, Fabio. El comercio del café en Cundinamarca. *Cuadernos Colombiano* (11): p. 391-436, 1977.

De acordo com o trabalho original, no qual Urrutia formulou suas hipóteses, este foi um efeito “acidental”, uma vez que a causa imediata da emissão foi o déficit fiscal; obviamente, a coincidência não passou despercebida pelos que defendem a emissão do papel-moeda, que depois utilizaram o suposto efeito benéfico sobre as exportações como justificativa da emissão.<sup>45</sup> Sem dúvida, num trabalho posterior, Urrutia fala da desvalorização como reflexo de uma “autonomia cambial”, e a apresenta como uma grande inovação de Nuñez no campo da política econômica.<sup>46</sup>

Sobre esta hipótese, claramente articulada, vale a pena fazer algumas anotações. Em primeiro lugar, temos que ressaltar a contradição existente entre as duas interpretações da desvalorização durante a Regeneração, que mencionamos anteriormente. Certamente, a interpretação original que Urrutia faz ao referido processo é correta. Como é bastante conhecido, a emissão obedecida a motivos fundamentalmente fiscais. A taxa de câmbio era uma variável de mercado, que o governo nunca tentou manejar. Todavia, durante os primeiros anos da Regeneração, o governo expressou muito bem o desejo de retornar ao padrão-prata. Este foi um desejo expressado desde 1886, e serviu eventualmente para que o governo restringisse as emissões (ou as fizesse secretamente). Como afirma Miguel Samper, os primeiros governos da Regeneração atuavam sobre um princípio segundo o qual o papel-moeda era um recurso fiscal temporário que se deveria abandonar eventualmente, reavaliando nominalmente o peso até alcançar o valor da prata de lei 0,835.<sup>47</sup> O papel-moeda não era, portanto, em suas origens, outra coisa senão um recurso fiscal temporário. A taxa de câmbio não era usada como um instrumento de política econômica, e menos ainda dentro de um conceito de “autonomia cambial”. Obviamente, quando o papel-moeda tornou-se estável, lançaram todo o tipo de argumentos para justificar sua existência. Sem dúvida, estas racionalizações foram bastante tardias.

Em segundo lugar, não é compreensível que a maior desvalorização real tenha sido o resultado da desvalorização nominal resultante da emissão de papel-moeda. Dentro do contexto do padrão-ouro na Colômbia, as crises estavam acompanhadas por quedas nos preços internos, e entre eles os salários rurais. Em 1880-5, por exemplo, os salários por empreitada em Santa Bárbara (que serviu de base para o quadro 6) caíram de 5,9 a 4,9 c/arrobá.<sup>48</sup> Além disso, já existia uma certa

<sup>45</sup> Urrutia, Miguel. op. cit. p. 104.

<sup>46</sup> Id. ibid. p. 66-7.

<sup>47</sup> Samper, Miguel. *Escritos políticos-econômicos*. Bogotá, 1925-7, tomo 3, especialmente p. 119-31, 150, 161-2, 250-1, 313-9. O último projeto neste sentido foi a Lei nº 70, de 1894 (*Report of the U. S. Mint*. 1896 p. 336-7). A guerra civil de 1895 eliminou qualquer esperança de conversão.

<sup>48</sup> Palacios, Marco. op. cit. p. 400.

margem para a desvalorização nominal dentro do padrão-ouro.<sup>49</sup> No começo da década de 80 esta margem era relativamente grande, uma vez que o país tinha realmente o padrão-prata, e a prata estava se desvalorizando no mundo inteiro, em relação ao ouro. Desta maneira, de 1880 a 1885 a taxa de câmbio se desvalorizou em 14%. No conjunto, estes dois fatores geraram uma queda de 28% nos salários-ouro em Santa Bárbara, ou equivalentemente: uma desvalorização real de 38% segundo a definição de Urrutia.<sup>50</sup> Esta desvalorização real claramente foi anterior à desvalorização criada pela emissão do papel-moeda. O efeito desta última no câmbio foi pequeno e passageiro, segundo se observa no quadro 6. Já em 1889, alcançava-se os salários-ouro de 1885, depois de uma diminuição dos 14% (desvalorização real de 16%), e em 1891 alcançava-se os salários-ouro do apogeu anterior. Esta recuperação tão rápida está relacionada basicamente com a recuperação, também rápida, dos termos de troca e do poder de compra das exportações durante estes anos.<sup>51</sup> Obviamente, esta queda nos salários beneficiava os proprietários de terra, incluídos num sistema pré-capitalista como era o das fazendas cafeeiras em fins do século, uma vez que os arrendatários eram pagos em dinheiro por seus trabalhos na terra, a um preço que dependia, parcialmente, do salário de mercado. Temos que destacar, sem dúvida, que a queda nos salários-ouro (desvalorização real seguindo a definição de Urrutia) deveu-se primeiramente à crise do setor externo e, somente em segundo lugar, ao papel-moeda: ou seja, enquanto durou a crise externa, os salários-ouro mantiveram-se ao nível de 1885, podendo inclusive ter diminuído mais. Temos que ter cuidado, sem dúvida, ao atribuir todo o apogeu cafeeiro de fins do século a este fator, lembrando a conjuntura excepcional do mercado mundial do café durante estes anos. Um conceito bastante equilibrado, acerca da importância destes baixos níveis salariais, encontra-se na seguinte citação de Miguel Samper, ainda que este autor também se engane, ao atribuir a queda dos salários-ouro ao papel-moeda:

“A produção do café pode ter se originado da depreciação do papel-moeda que vemos ao Banco (Nacional), ainda que às custas, em parte, do bem-estar dos assalariados e de suas famílias e *muito* do alto preço adquirido por aquele grão no exterior nestes últimos seis anos.”<sup>52</sup>

Existe um fator adicional acerca do comportamento dos custos de produzir e transportar café, que foi analisado recentemente por Marco Palacios, e que ajuda a explicar a atitude negativa dos cafeicultores ante a Regeneração. Segundo se observa no quadro 6, os salários e os custos de transporte aplicáveis à economia

<sup>49</sup> A margem existente entre a cotação do peso a qual se importa dinheiro metálico e aquela a qual se exporta dinheiro.

<sup>50</sup> Os salários-ouro definem-se como os salários nominais (nesse momento expressados em pesos-prata) divididos pela taxa de câmbio. Segundo a definição de Urrutia, a taxa de câmbio real é o inverso desta magnitude. O leitor pode confirmar que a uma queda nos salários-ouro de 28% corresponde uma desvalorização real de 38%.

<sup>51</sup> Ocampo, J. A. op. cit. p. 186.

<sup>52</sup> Samper, Miguel. op. cit. p. 400.

cafeeira foram muito elevados no período de expansão da produção, especialmente nos anos de maior prosperidade (1896-7). Como se vê no quadro 7, esta elevação nos salários e nos custos de transporte foi onerosa para os proprietários de terra, uma vez que, num período de plena produção de uma fazenda cafeeira, mais da metade dos custos estava representada pelo transporte e pelos salários adicionais necessários durante a colheita. Esta elevação dos salários explica por que as plantações de café se detiveram em Cundinamarca em pleno apogeu, de tal forma que já em 1898 alcançou-se a plena potencialidade produtiva da região. Conjuntamente com a alta no preço da terra nas zonas cafeeiras, a alta nos salários e custos de transporte explica o fato por que os que chegaram tarde ao comércio sofreram prejuízos substanciais.<sup>53</sup>

Ainda que estes fatos distanciassem os cafeicultores dos governos da época, temos que reconhecer que o fenômeno não é simplesmente atribuível à política da Regeneração: fenômenos iguais foram observados entre as safras exportadoras anteriores, especialmente no apogeu do cultivo do tabaco de Ambalema,<sup>54</sup> e são bem compreensíveis numa economia onde os mecanismos de mercado eram, além do mais, muito imperfeitos. Existe um elemento adicional na conjuntura do final do século que não é independente, sem dúvida, da política da Regeneração: na medida em que subsistia o papel-moeda e uma taxa de câmbio livre, existia a possibilidade de uma substancial valorização nominal, que não era possível sob o padrão-ouro. Isto foi precisamente o que ocorreu em 1894/5-96/7, quando o peso se valorizou diante do ouro em 8,6%; anteriormente, houve também uma valorização nominal de 7,9% em 1888-91. No que se refere à prata, a valorização foi muito mais forte em fins do século. A sucessão de períodos de desvalorização e valorização, determinados por fatores políticos e pela conjuntura do setor externo, também foi onerosa para os cafeicultores, especialmente num país que vivia pela primeira vez a instabilidade do câmbio.<sup>55</sup> Ainda assim, os lucros na economia cafeeira foram substanciais, como veremos no item seguinte.

Retornando à discussão da tese de Urrutia, vale a pena esclarecer, finalmente, que essa tese não explica a expansão específica do café entre uma série de potenciais mercadorias para exportação e algumas para consumo interno. Uma queda nos salários-ouro deve beneficiar, em princípio, todos os produtos de exportação; ainda mais se o preço dos artigos produzidos para consumo interno segue o ritmo da desvalorização, a baixa nos salários-ouro deve beneficiar também a produção destes bens. O que acontece com os preços de alimentos para consumo interno é, precisamente, o que se observa no período que estamos analisando: já nos fins da

<sup>53</sup> Bergquist, Charles. *Coffee and Conflict in Colombia, 1886-1910*. Durham, 1978. p. 106; Great Britain. *Consular Reports*. nº 1.729, p. 7, 1896; nº 3.114, p. 9-11, 1904.

<sup>54</sup> Ver Safford, Frank. *Commerce and enterprise in Central Colombia, 1821-1870*. Univ. de Colombia, 1965. cap. 5. (Tesis doctoral.) Um caso parecido se deu com o anil. Ver Rivas, Medardo. *Trabajadores de tierra caliente*. Bogotá, 1972. p. 289-93.

<sup>55</sup> Samper, Miguel. op. cit. tomo 3, p. 98, 107, 116, 176, 202, 248-9, 260, 310.

**Quadro 6**  
**Salários cafeeiros e custos para transportar café – Fazenda Santa Bárbara**  
**(Pesos-ouro, 1888-90 = 100)**

1879	Salários de empreitada	Custos de transporte
1879	142	87
1880	138	85
1881	132	84
1882	123	103
1883	111	114
1884	107	111
1885	100	112
1886	95	102
1887	86	106
1888	93	
1889	99	100
1890	108	
1891	137	119
1892	152	120
1893	140	109
1894	136	89
1895	130	117
1896	160	135
1897	155	131
1898	132	119
1899	89	72

*Fonte:* Palacios, Marco. *El Café en Colombia* p.186 e 400; taxa de câmbio: Banco de Colombia. *Crédito, moedas e câmbio exterior*. Bogotá, 1909.

**Quadro 7**  
**Estrutura de custos da Fazenda Santa Bárbara**

	1886-90 (%)	1891-4 (%)	1895-8 (%)	1899-1902 (%)
Arrendatário	41,2	48,3	24,5	29,7
Lavrador	9,8	10,6	18,5	23,7
Mel	-	2,8	3,7	12,5
Administração	12,5	7,8	4,4	9,4
Outros gastos na fazenda	18,8	13,3	15,1	20,4
Transporte, seguros e comissões	17,6	17,1	33,8	4,3
Produção (saco <sup>c</sup> )	423	508	1.259	906

*Fonte:* Palacios, Marco. *El Café en Colombia*. p. 72.

década de 80, os preços-ouro dos alimentos para consumo interno haviam aumentado em relação aos anos de apogeu, entre 1880 e 82 ou, o que é equivalente, a taxa de câmbio real havia diminuído, calculada como a razão da taxa nominal dos

preços dos alimentos.<sup>56</sup> A expansão da economia cafeeira é, assim, um fenômeno que deve explicar-se, em grande parte, de acordo com um estudo do comportamento específico dos preços do café durante tal período.

Quadro 8  
Preços externos e internos do café – 1868-1910

Preço em Cúcuta (1)	Preço médio do café exportado (2)			Índice de preços ext. (3) (1870 = 100) <sup>b</sup>	Relação entre preço interno e externo 1894/5 = 100 (4)			
	a) Cúcuta <sup>a</sup>	b) Outros portos	c) Total		(1)/(3)	(2a)/(3)	(2b)/(3)	(2c)/(3)
1868/9		14,6	20,0	93,3		77	77	
1869/70		13,0	21,9	100,3		64	79	
1870/1		13,2	22,5	95,5		68	85	
1871/2		13,1	25,3	116,1		56	79	
1872/3		23,6	31,5	151,4		77	75	
1873/4			38,8	166,4			84	
1874/5			34,2	154,4			80	
1875/6			32,5	153,6			76	
1876/7			32,4	158,2			74	
1877/8		22,9	31,0	157,6		72	71	
1878/9			32,5	153,6			76	
1879/80		(24,7)		152,0		80		
1880/1		(21,6)	31,5	140,2		76	81	
1881/2		(16,0)		116,7		68		
1882/3		(13,9)		100,7		68		
1883/4		(15,1)		99,7		75		
1884	15,6			101,0	73			
1885	12,3			102,0	57			
1886	14,3			103,0	66			
1887	30,4			130,4	111			
1888	24,3	19,7	33,2	145,1	80	67	82	
1889	30,1	22,1		142,2	101	77		
1890	35,0	(26,9)	29,2	159,8	104	83	66	
1891	34,1	27,8	36,4	166,7	97	82	79	
1892	30,8			174,5	84			
1893	33,4	(32,0)		173,5	91	91		
1894	32,5	30,9	42,3	157,9	98	97	97	
1895	33,1	32,2	44,2	153,9	102	103	103	104
1896	26,0	30,2	39,1	143,2	86	104	98	101
1897	20,4	27,8	36,0	122,6	79	112	106	108
1898		21,1	29,3	99,0		105	107	108
1905		12,8	16,3	15,8	76,5	83	77	82
1906				16,1	84,3			75
1907			15,7	84,3				74
1908			15,2	79,4				76
1909			15,0	78,4				76
1910			16,1	82,4				77

Fontes: 1. Arboleda, Enrique. *Estatística Anual da República da Colômbia*. 1905. p. 211. Esta série foi convertida a pesos fortes multiplicada por 0,8 e deflacionada pelas taxas de câmbio de Arboleda, E. op. cit. p. 196; 2. Ver Ocampo. op. cit. Apêndice C, notas e quadros 3 e 4; 3. id. *ibid.* notas e quadros 5 e 6.

Sobre este aspecto, o quadro 8 contém informações de muito interesse para se ter idéia do efeito interno da alta nos preços externos em fins do século. Este quadro mostra uma inequívoca tendência ascendente na relação entre preços internos e externos do café em fins do século passado. Para se analisar esta informação,

<sup>56</sup> Ocampo, José Antonio. Comentário do autor sobre La creación de las condiciones iniciales para el desarrollo: el café. In: Revéiz, Edgar, ed. *La Cuestión cafetera*. Bogotá, 1980. p. 70, cuadro 2.

temos que levar em conta que se os custos de fretes internacionais, seguros, comissões etc., permanecem constantes, deve haver uma relação diretamente proporcional entre os preços internos e externos; é o mesmo que dizer: quando melhoram os preços externos, os preços internos devem melhorar numa proporção ainda maior, e quando diminuem os preços externos, os preços internos devem diminuir ainda mais. Isto é o que se observa em geral no quadro, ainda que não seja muito nítido durante o período de alta nos preços externos, entre 1868/69 e 1872/73. Todavia, quando se analisa o comportamento dos preços no quadro 8, vê-se que, com preços externos nominais muito parecidos, os preços internos eram substancialmente melhores no apogeu dos anos 90 que no auge de década de 70. Também se observa que em 1905-10 a razão entre preços externos e internos é comparável aos anos de apogeu da década de 1870, ainda mais que os preços externos eram muito mais baixos em começo do século. Tudo isto é uma imagem bastante clara de que na última década do século XIX e primeira do século XX transmitiu-se internamente uma proporção do preço externo muito maior que nas décadas anteriores. Este é um fator adicional que contribuiu para o apogeu de fins do século. No caso das exportações que se faziam pelo porto de Cúcuta, é possível que este desenvolvimento esteja associado em parte à conclusão da ferrovia Cúcuta-Zulia em 1888. Naquelas zonas do país que exportavam pelos portos do Atlântico, devia estar ligado à queda nos fretes internacionais, seguros e comissões.<sup>57</sup> Neste caso, a melhora relativa no preço médio de exportação transmitiu-se em parte aos produtores, ainda que uma parte apreciável tenha caído nas mãos dos transportadores internos, segundo os dados dos quadros 6 e 7. Em algumas regiões, sem dúvida, onde os sistemas de transporte melhoraram em fins do século, graças à ampliação das redes ferroviárias, é provável que a curva de custos de transporte tenha sido muito diferente, e os preços nas regiões de produção tenham melhorado muito mais do que indica o quadro 8.

### 3. Formas de produção na economia cafeeira

Nos últimos anos existiu na Colômbia um interesse crescente pelo estudo das formas de organização social da produção cafeeira. A maior parte dos estudos existentes se baseiam, sem dúvida, em referências indiretas sobre a forma de organização das fazendas cafeeiras no século XX, e estas formas de organização estão fortemente influenciadas pelas críticas liberais, especialmente aquelas que surgiram durante as lutas agrárias das décadas de 1920 e 1930.<sup>58</sup> Somente os trabalhos pio-

<sup>57</sup> O frete de uma tonelada de café desde Sabanilla até Londres baixou de 70 xelins, em janeiro de 1880, para 40 xelins, em março de 1883, e se manteve mais ou menos neste nível até o fim do século. Palacios, Marco. op. cit. p. 54, nota 43.

<sup>58</sup> Arango, Mariano. op. cit.; Machado, Absalom. *El Café, de la aparcería al capitalismo*. Bogotá, 1977; Bejarano, Jesús Antonio. *El Regimen agrario: de la economía exportadora a la economía industrial*. Bogotá, 1979; Kalmanovitz, Salomón. El regimen agrario durante el siglo XIX en Colombia. In: Colcultura. *Manual de Historia de Colombia*. Bogotá, 1979. tomo 2, p. 285-293.

neiros de Malcom Deas e Marco Palacios,<sup>59</sup> baseados em pesquisas de arquivos das fazendas, têm permitido compreender a fundo a lógica interna das fazendas cafeeiras de fins do século XIX, e abrir novos horizontes na interpretação das lutas agrárias do século XX.

As referências às formas de organização social da produção cafeeira dos Santanderos, que no fim do século passado concentravam 45% da produção cafeeira nacional, são as mais incompletas de todas. Parece, sem dúvida, bastante claro que a produção cafeeira na região adotou formas relativamente “livres”, diferente das formas “semi-escravas” que imperavam nas fazendas de café em Cundinamarca. Este desenvolvimento divergente refletia o passado de cada uma destas regiões. Em Cundinamarca, a evolução das relações sociais esteve marcada por três séculos de domínio da população indígena. Em Santander, ao contrário, havia-se desenvolvido uma economia em que os pequenos proprietários rurais e os artesãos, uma grande parte deles descendentes de imigrantes brancos e pobres, tinham grande importância na colônia. Somente em algumas zonas uma economia escravagista muito precária conseguiu desenvolver-se.<sup>60</sup> Segundo a descrição de Ancizar, em meados do século passado, as zonas santanderinas estavam “habitadas, em sua quase totalidade, pela raça branca, que era inteligente, trabalhadora e proprietária do solo; este, felizmente, dividido em pequenos lotes que garantiam a independência dos moradores”.<sup>61</sup> Embora a concentração da propriedade territorial avançasse ali na segunda metade do século, em parte apoiada no poder político local,<sup>62</sup> não se estabeleceu a forte desigualdade de riquezas características de outras regiões.<sup>63</sup>

É bem provável que numa região onde a propriedade territorial estava relativamente expandida, a produção parcelada de café tenha sido muito importante. Isto ocorreu claramente no distrito de Salazar,<sup>64</sup> uma das zonas produtoras mais importantes de Santander do Norte, que em 1874 deu origem aos 20% da produção da região; sem dúvida alguma, essa mesma produção também deveria ser importante em outras zonas cafeeiras. É certo que, entre os santanderos também se desenvolveu a fazenda cafeeira. Já em meados do século, os capitalistas de Cúcuta e Pamplona haviam começado a organizar fazendas cafeeiras no norte de Santander,<sup>65</sup> ao mesmo tempo em que os imigrantes alemães estiveram envolvidos na fundação de grandes fazendas cafeeiras neste estado.<sup>66</sup> A importância relativa

<sup>59</sup> Deas, M. op. cit; Palacios, Marco. op. cit. caps. 4 e 5.

<sup>60</sup> Uribe, Jaime Jaramillo. *Ensayos sobre historia social colombiana*. Bogotá, 1968. p. 82-5; Camacho, Joaquín. *Relación territorial de la Provincia de Pamplona. Semanario del Nuevo Reino de Granada*. Bogotá, 1942. tomo 2, p. 1-17.

<sup>61</sup> Ancizar, Manuel. op. cit. tomo 2, p. 252.

<sup>62</sup> Arango, Mariano. op. cit. p. 46-8.

<sup>63</sup> Roldán, Salvador Camacho. *Notas de viaje*. 4. ed. Bogotá, 1898. p. 84.

<sup>64</sup> Ancizar, Manuel. op. cit. tomo 2, p. 199.

<sup>65</sup> Id. ibid. tomo 2, p. 223.

<sup>66</sup> Plata, Horacio Rodríguez. *La Inmigración alemana al Estado Soberano de Santander*. Bogotá, 1968. p. 101 e 155.

destas fazendas, e sua forma específica de organização interna não são, todavia, muito claras. O estudo de Marciano Arango sugere que se desenvolveram originalmente baseadas em assalariados, e que só no começo do século XX se firmaram em forma de parceria.<sup>67</sup> Em nosso modo de ver, é mais provável que a parceria em Santander tenha sido feita antes do tempo, uma vez que é uma forma típica de contrato econômico em regiões onde existe um certo grau de diferenciação econômica interna sem grandes desigualdades sociais. É improvável, pelo contrário, a existência de fazendas criadas com base exclusivamente nos salários, uma vez que esta é uma característica de fases bem avançadas de desenvolvimento capitalista e classes sociais diferentes. No século XIX está comprovada a existência de parcerias em Santander, pelo menos no caso de Chicanota.<sup>68</sup> Em começo do século XX existiam, sem dúvida, no norte de Santander, fazendas que reuniam arrendatários e assalariados permanentes.<sup>69</sup>

Em Cundinamarca, embora não estivesse ausente a pequena produção,<sup>70</sup> a forma dominante foi a fazenda explorada por arrendatários.<sup>71</sup> Neste tipo de organização social, o proprietário estava sempre ausente e era geralmente um comerciante da cidade com uma grande diversidade de negócios e importantes contatos políticos. Obviamente era ele quem assumia todas as principais decisões da fazenda e, além disso, tinha outras funções econômicas básicas (informações e contatos comerciais e de crédito). As funções do administrador e do mordomo, que às vezes eram exercidas por uma mesma pessoa, iam desde a inspeção geral, contabilidade, solução de problemas e determinação de salários na época de colheita (isto no primeiro caso), até à organização concreta do trabalho (segundo caso). Nesta última função colaboravam ainda, nas fazendas maiores, alguns capatazes. Os arrendatários constituíam o núcleo fundamental da fazenda. Pela troca de moradia e um lote para cultivar produtos para o sustento diário, tinham a obrigação de trabalhar um certo tempo (geralmente o equivalente a duas semanas ao mês) nos trabalhos da fazenda, ou de conseguir alguém que o fizesse. Este trabalho era geralmente remunerado à metade do salário usual. Ainda que em seus lotes lhes fosse proibido plantar café e outros produtos permanentes, os produtos que cultivavam podiam ser vendidos nos povoados vizinhos ou, às vezes, eram adquiridos pela própria fazenda. Para os trabalhos no tempo da colheita, a fazenda contratava assalariados em caráter provisório vindos do planalto. Estes homens, como os arrendatários, às vezes vinham por seus próprios meios às regiões cafeeiras, e em outros casos eram contratados diretamente no lugar onde moravam, por procuradores das fazendas.

<sup>67</sup> Arango, Mariano. op. cit. p. 43-4, 149-51.

<sup>68</sup> Palacios, Marco. op. cit. p. 115-6.

<sup>69</sup> Machado, Absalom. op. cit. p. 196.

<sup>70</sup> Samper, Miguel. op. cit. tomo 1, p. 221-2.

<sup>71</sup> A descrição que segue está baseada em Palacios, Marco. op. cit. cap. 4; e Deas, M. op. cit.

Em 1906, calculava-se que eram necessários 12 mil trabalhadores residentes nas fazendas do oeste de Cundinamarca, e 100 mil para a ocasião da colheita.<sup>72</sup> Mobilizar tal número de homens em caráter provisório numa época em que as populações de Cundinamarca e Bogotá, juntas, eram um pouco mais de 1 milhão de pessoas devia ser uma tarefa difícil. Isto explica, sem dúvida alguma, o forte aumento dos salários à medida que aumentou a produção, lá pelos fins do século.

Ainda que este tipo de organização social apresentasse claramente indivíduos “semi-escravos” e se apoiasse parcialmente em métodos de coerção extra-econômica, utilizando os poderes políticos locais, não cremos que essa organização tenha contribuído para um crescente processo de “enfeudamento”, como alguns autores sugerem.<sup>73</sup> As condições em meio das quais se desenvolveu a fazenda cafeeira não foram favoráveis para ela. Durante o rápido desenvolvimento cafeeiro do oeste cundinamarquês, em fins do século XIX, as fazendas cafeeiras se caracterizaram pela escassez permanente de mão-de-obra. Isto gerou um ambiente de indisciplina quase permanente dos arrendatários, e uma grande dificuldade para fazê-los cumprir suas obrigações. Isto acontecia especialmente na época da colheita, quando a escassez de mão-de-obra era aguda. Além disso, a venda dos produtos que plantavam em seus lotes parece ter sido uma atividade bem lucrativa, na qual o arrendatário tratava de dedicar o maior tempo possível. Estas condições não eram particularmente favoráveis para intensificar as relações servis, e sim para dar origem a um espírito de independência no arrendatário. Isto foi o que precisamente parece haver ocorrido. Marco Palacios mostrou que a tendência fundamental das fazendas cafeeiras do oeste cundinamarquês foi o fortalecimento de uma economia camponesa dentro da fazenda.<sup>74</sup> O desenvolvimento das guerrilhas nas zonas do café durante a Guerra dos Mil Dias pode ser também um sinal do grau de independência alcançado pelos trabalhadores efetivos nas fazendas, que os permitia visualizar novas fronteiras de luta política.<sup>75</sup>

Para diminuir o período que transcorria entre o investimento na plantação de café e o primeiro retorno associado a tal investimento, em algumas zonas de Cundinamarca se desenvolveu uma forma de contrato de plantação. Neste caso, o trabalhador contratado vendia os pés de café em idade de produzir ao fazendeiro, e tinha direito a usufruir a terra produzindo artigos de subsistência durante o período do contrato. Estes contratos às vezes adquiriam características mais complexas.<sup>76</sup> Desenvolveram-se, sobretudo, na província de Sumapaz, na Cundinamarca, mas, aparentemente, estiveram ausentes na província do Tequendama, e em Fredonia.<sup>77</sup>

<sup>72</sup> Deas, M. op. cit. p. 89, nota 11.

<sup>73</sup> Kalmanovitz, Salomón. op. cit. p. 285-93; Arango, Mariano. op. cit. p. 97.

<sup>74</sup> Palacios, Marco. op. cit. cap. 5.

<sup>75</sup> Bergquist, Charles. op. cit. cap. 7.

<sup>76</sup> Id. *ibid.* p. 29-32.

<sup>77</sup> Palacios, Marco. op. cit. p. 137.

Nas fazendas antioqueñas, segundo Marco Palacios, desenvolveram uma modalidade intermediária entre a fazenda cundinamarquesa e a santanderina. Neste caso, a relação entre o trabalhador permanente (agregado) e a fazenda, ainda que não tivesse tantos elementos semi-escravos, tinha características parecidas com as do arrendatário cundinamarquês. A maior diferença parece ter sido a concentração do lugar de residência dos empregados fixos ou agregados, e, como consequência disto, a separação entre o lugar de moradia e o lote onde produziria o seu sustento. Segundo Palacios, esta separação impediu que acontecesse na Antioquia a mesma coisa que se deu na Cundinamarca com relação ao processo de fortalecimento da economia camponesa no seio das fazendas. Os problemas associados à obtenção da mão-de-obra na época da colheita parecem ter sido iguais.<sup>78</sup>

Do ponto de vista de técnicas de processamento, nas últimas duas décadas do século XIX as fazendas maiores adotaram máquinas modernas.<sup>79</sup> Este processo se desenvolveu em maior escala na Cundinamarca, onde adotou-se a técnica de secagem artificial do café (às vezes com máquinas inventadas no país), e, não somente ali, mas na Antioquia e Santander, também há evidências claras do uso de técnicas modernas.<sup>80</sup> Cundinamarca continuou sendo o líder em termos de técnicas de processamento, pelo menos até 1920.<sup>81</sup> Os santanderos, ao contrário, parecem ter permanecido relativamente para trás; isto pode refletir a importância relativa que tinha em Cundinamarca a produção em lotes, uma vez que é evidente o uso de técnicas modernas pelas fazendas santanderinas. A extração dos grãos foi a atividade de menor desenvolvimento no país e na qual subsistiram em maior escala as técnicas primitivas. Em fins do século, Camacho Roldán calculava que 90% do café do país era exportado sem debulhar.<sup>82</sup> Os processos mais avançados foram adotados por algumas fazendas de Cundinamarca no fim do século. Noutro extremo, os santanderos eram os mais atrasados na técnica da debulha, até meados do século XX.<sup>83</sup>

Apesar de vários métodos para minimizar os custos monetários nas fazendas cafeeiras do fim do século XIX, o desenvolvimento dessas fazendas impingiu uma grande aplicação monetária para a época. Segundo Camacho Roldán, a plantação de 30 milhões de árvores cafeeiras entre 1887 e 1897 requereu \$7 milhões-ouro, incluindo o desenvolvimento de currais, canaviais, e produtos de subsistência que acompanharam o crescimento das fazendas cafeeiras.<sup>84</sup> Isto significa que o valor necessário para que as fazendas produzissem 600 mil sacos de café no fim do

<sup>78</sup> Id. *ibid.* cap. 4, especialmente p. 117-8.

<sup>79</sup> Beyer, R. C. *op. cit.* cap. 10.

<sup>80</sup> Sobre Antioquia, ver Brew, Roger. *op. cit.* p. 279; sobre Santander ver *El Agricultor*, 8ª série, nº 6, p. 281-5, dic. 1981; e Plata, Rodríguez. *op. cit.* p. 101 e 155.

<sup>81</sup> Bell, P. L. Coffee, the mainstay of Colombia. *The Tea and Coffee Trade Journal*, p. 167, Feb. 1922.

<sup>82</sup> Roldán, Salvador Camacho. *Memorias*, Medellín, Ed. Bedout, s. f. p. 128.

<sup>83</sup> Arango, Mariano. *op. cit.* p. 186-7.

<sup>84</sup> Roldán, Salvador Camacho. *Memorias*. p. 127-8.

século era de uns 16,8 milhões-ouro, supondo uma produtividade média de 0,5 kg por pé de café. Isto parece um cálculo muito alto. De acordo com Palacios, uma fazenda de 100 ha, 40 dos quais estariam com plantações de café, costumava produzir \$8.300 ouro.<sup>85</sup> Uma fazenda destas podia ter mais ou menos uns 62.400 pés de café (a razão de mil por *fanegada*),<sup>86</sup> que produziam cerca de 520 sacos ao ano. Aplicando estes dados na escala nacional, significaria que a produção de 600 mil sacos exigiria uma aplicação de 9,6 milhões-ouro. Os dados da Fazenda Santa Bárbara dão um resultado intermediário. Esta fazenda de 256 ha tinha no final do século um valor estimado de \$30 mil, e chegou a produzir 1.260 sacos de café.<sup>87</sup> Generalizando os dados deste caso para todo o país, tinha-se um valor de \$14,3 milhões para as fazendas cafeeiras de fins do século. Este era, sem dúvida, o custo da reposição da fazenda, e não a aplicação monetária que se fez nela, que parece aproximar-se mais dos dados da fazenda nos termos de 100 ha. É provável, portanto, que o cálculo de Camacho Roldán se refira também ao custo de reposição das fazendas em fins do século.

Do custo de reposição, somente uma fração era imputável a aplicações específicas do setor cafeeiro. Só o custo da terra correspondia a 37% do valor de uma fazenda em 1892-6.<sup>88</sup> Fora disto, a fazenda tinha investido capital em cana, gado, pastos, alguns produtos de subsistência, moradia e lagares. Os custos de plantar e capinar a plantação de café eram aproximadamente de 5-6 centavos-ouro por árvore,<sup>89</sup> o que equivalia a mais ou menos \$4 milhões-ouro, para um total de 72 milhões de árvores, a nível nacional. O valor de todas as construções, maquinaria e ferramentas das fazendas constituía apenas 10% de seu valor.<sup>90</sup> Desta maneira, as inversões propriamente cafeeiras eram apenas um terço, ou um pouco mais, do valor total das fazendas. Sem dúvida, o custo das mudas de café em idade de produzir era muito alto, custando 13 centavos-ouro na década de 90.<sup>91</sup> (\$9,4 milhões para o total de árvores do país).

Pelos dados de Santa Bárbara, notamos uma rentabilidade máxima durante os anos 1895-97, durante os quais se vendeu o café a uma média de \$23,80 ouro por sacco, sobre os quais se obteve um lucro bruto de \$14,90.<sup>92</sup> Os dados de Bergquist, em meados da década de 90, indicam que o café de Cundinamarca

<sup>85</sup> Palacios, Marco . op. cit. p. 58-9.

<sup>86</sup> Saenz, Nicolás. Memoria sobre el cultivo del cafeto. In: *Memorias sobre el cultivo del café*. Bogotá, Banco de la República, 1952. p. 110.

<sup>87</sup> Palacios, Marco. op. cit. p. 65-72.

<sup>88</sup> Id. ibid. p. 56.

<sup>89</sup> Great Britain. *Consular Reports*, nº 446, p. 11, 1888; Saenz, Nicolás. op. cit. p. 96 e 110 (calculamos o custo da lavoura, queima, plantação e limpeza durante três anos). Os dados foram deflacionados pela taxa de câmbio prevalecente na época.

<sup>90</sup> Palacios, Marco. op. cit., p. 56.

<sup>91</sup> Cálculo baseado em Bergquist, Charles. op. cit. p. 31, quadro 2.1, e taxas de câmbio prevalecentes na época.

<sup>92</sup> Palacios, Marco. op. cit. p. 68 e 72.

podia ser vendido a \$ 21,90 ouro por saco, no exterior, com um custo de produção de \$6,20 e de transporte, a Nova Iorque, de \$4, deixando um lucro de \$11,70.<sup>93</sup> Inclusive, se supusermos que o capital circulante necessário era igual ao custo de produzir e transportar todo o café do país em um ano (mais ou menos \$10-ouro por saco-ano, segundo os dados anteriores), e que a rentabilidade se calcula sobre este capital circulante e o custo de reposição da totalidade das fazendas calculado por Camacho Roldán, estes dados sugerem uma rentabilidade extraordinária: 30-40% anuais.<sup>94</sup>

Quando os preços baixaram em fins do século, esta rentabilidade desapareceu rapidamente. Em começo do século XX, um cônsul inglês calculava em \$11-ouro o custo de produzir e transportar um saco de café a Nova Iorque, a metade do qual estaria representada pelo custo de produção. Nesse momento, o preço médio de venda dos diferentes tipos de café no exterior era o seguinte: Ocaña \$ 9,60, Cúcuta \$ 11, Bucaramanga \$ 12,4, Cundinamarca e Tolima \$ 13,80-15,20.<sup>95</sup> O preço médio de exportação do café colombiano era, em 1905-10, de \$9,40; o preço médio de importação de café colombiano em Nova Iorque, depois de alcançar um mínimo de \$7,60 em 1901/2, aumentou para \$12,40 em 1906/7, e voltou a descer a \$11 em 1908/9 e 1909/10. A média para os anos 1905-10 foi ligeiramente superior a \$11 (ver quadro 2).

Como se vê, a rentabilidade das fazendas cafeeiras extinguiu-se com a queda dos preços em fins do século, especialmente no caso do tipo de café dos santanderos, que tinha um preço de 20 a 30% inferior ao preço dos outros cafés do resto do país.<sup>96</sup> A baixa de preço se devia, em parte, ao mau processamento, mas também à inferioridade das terras onde era cultivado. Para a decadência das fazendas, tanto em Santander como em Cundinamarca, contribuiu demais a impossibilidade de colher todo o café, e de manter as plantações em boas condições durante a Guerra dos Mil Dias. Em muitos casos, os danos causados foram irreversíveis. Todas as fazendas do país sofreram demais pelas dificuldades de exportar café durante os anos da guerra, tanto que o café ficava armazenado em condições não muito boas e perdia na qualidade. Finalmente, os fazendeiros que contraíram dívidas no exterior para desenvolver suas plantações, como nas fazendas de Cundinamarca e Antioquia, em proporções assustadoras, estiveram frente a frente, durante esses anos, com o peso da dívida; à medida que os preços do café baixavam, o ti-

<sup>93</sup> Bergquist, Charles. op. cit. p. 32.

<sup>94</sup> Palacios, Marco. op. cit., p. 68, cita um lucro mais baixo em Santa Bárbara, porque inclui como capital o valor comercial da avaliação do café; isto é um erro, já que o valor comercial inclui o lucro do produtor, e é, por conseguinte, superior ao capital circulante invertido nas avaliações.

<sup>95</sup> Great Britain. *Consular Reports*, nº 3.114, p. 9-10, 1904.

<sup>96</sup> Ver os dados anteriores e Bergquist, Charles. op. cit. p. 26 e 231.

po de câmbio subia e era impossível exportar café. Muitos deles perderam suas plantações durante o conflito.<sup>97</sup>

Apesar de todos os fatores específicos que se pôde apresentar para explicar essa decadência, o acontecimento mais evidente é que a fazenda cafeeira tanto no leste como no oeste colombiano foi altamente dependente, em seu desenvolvimento, do forte desequilíbrio no mercado mundial, característico da segunda metade do século XIX. A fazenda surgiu em tais condições de desequilíbrio e entrou em crise quando desapareceram as condições excepcionais no mercado mundial do café no começo do século XX. É por isto que a história da fazenda cafeeira colombiana se identifica plenamente com a experiência exportadora do século XIX, na qual o êxito dependeu quase sempre das conjunturas excepcionais nos mercados mundiais de matérias-primas.<sup>98</sup>

Ao mesmo tempo que a fazenda cafeeira entrava em falência, começava a desenvolver-se uma nova forma de produção de café no país. Esta forma de produção, baseada na pequena produção dos lotes de Antioquia e Caldas, começou a desenvolver-se em meio à crise cafeeira da primeira década do século XX, e deu lugar a um aumento ininterrupto, que se prolongou até a II Guerra Mundial. Esta forma de desenvolvimento cafeeiro nasceu em meio de uma crise e mostrou uma grande capacidade de resistência às crises posteriores do mercado mundial do café, e significou assim um rompimento total com o modelo de desenvolvimento exportador do século XIX. Como efeito das plantações que foram feitas a partir de 1905 nestas unidades camponesas, as exportações aumentaram em 600 mil sacos, cerca de 1,1 milhão em 1915. A produção conjunta de Antioquia e Caldas aumentou de 130-140 sacos – que estimamos para a primeira década do século – para 540 mil em 1913, segundo os dados de Alejandro López<sup>99</sup> (os dados de Bell estão claramente subestimados para estes anos em Antioquia e Caldas, e nos alertam acerca de uma possível superestimação da produção de outros distritos, especialmente o norte de Santander, Cundinamarca e Tolima). Em poucos anos, o oeste colombiano havia tomado a dianteira sob o ponto de vista do desenvolvimento cafeeiro, dianteira esta que se confirmaria nos anos seguintes.

A produção em lotes implicava várias vantagens sob o ponto de vista do desenvolvimento capitalista colombiano. Por um lado, eliminava a inversão monetária na produção cafeeira por parte dos capitalistas, e os problemas de indisciplina implícitos na organização da fazenda tradicional. Por outro, permitia incorporar à produção, permanentemente, terras que, de outra maneira, permaneceriam sem utilidade para a agricultura tradicional. A introdução do café era, assim, uma forma elementar de “troca técnica”, na qual seria possível elevar a produtividade eco-

<sup>97</sup> Palacios, Marco. op. cit. p. 54-62, 73-7, 1888; Deas, M. op. cit. p. 95-6; Great Britain. *Consular Reports*, nº 3.114, 1904; e *Miscellaneous Series*. nº 598, 1903; *Commercial Relations of the US*. 1900. tomo 1, p. 796 e 808.

<sup>98</sup> Ocampo, José Antonio. *Desarrollo exportador y desarrollo capitalista colombiano en el siglo XIX* (una hipótesis). *Desarrollo y Sociedad* (1), ene. 1979.

<sup>99</sup> López, Alejandro. op. cit. p. 387-8.

nômica e, especificamente, a produção comercial, sem necessidade de sacrificar a produção por parte do camponês. A produção cafeeira camponesa representava, assim, um excedente do ponto de vista do camponês, que dependia, para a reprodução de sua força de trabalho e de sua família, dos produtos de subsistência que plantava em seu lote. Este fato trazia grandes vantagens do ponto de vista do desenvolvimento capitalista: permitia comprimir o preço sem que a produção entrasse em crise, simplesmente porque tal produção minimizava ao máximo os custos monetários; permitia, além disso, que os camponeses chegassem a níveis de renda real mais altos, sem que isto restringisse a acumulação de capital; pelo contrário, o maior nível de rendas reais permitia que aumentasse mais que proporcionalmente seu consumo de artigos comerciais, especialmente os manufaturados. Tudo isto tornava possível o avanço para novas etapas do desenvolvimento capitalista na Colômbia, e permitia romper os limites básicos do modelo de desenvolvimento exportador do século XIX. A análise da lógica interna deste novo processo, que levaria a Colômbia definitivamente para o caminho do desenvolvimento capitalista moderno, não pertence, sem dúvida, aos pormenores específicos deste estudo.